

ACERCA DOS SERMÕES LITÚRGICOS DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA

JOÃO CARLOS DE CARVALHO *

I - Questões introdutórias, problematizadoras e metodológicas

Se consultarmos o Índice Geral dos Sermões contidos na Edição Lello ⁽¹⁾ - a qual, conforme nos dizem os seus editores, foi «cotijada (...) com a edição primitiva de 1685» ⁽²⁾ - constataremos que os cinco primeiros volumes e parte do sexto formam um bloco de 77 sermões predominantemente litúrgicos, dispostos segundo uma lógica de ordenação litúrgica, isto é, de acordo com o calendário da liturgia cristã ⁽³⁾. Temos assim, no volume I, e logo após o sermão inaugural e programático da Sexagésima ⁽⁴⁾, os sermões que dizem respeito ao período do Advento (7) e os que estão ligados à Natividade e Circuncisão do Senhor (3); no volume II, os que se prendem com a Epifania/Pós-Epifania (3) e com a Quaresma ⁽⁵⁾ (42 = 3 + 27 + 12) ⁽⁶⁾, estendendo-se estes últimos pelos volumes III - IV^o e princípios do V^o. Seguem-se-lhes os consagrados à Páscoa (8) e ainda os que têm a ver com Pentecostes (2) e Pós-Pentecostes (10), prolongando-se estes por grande parte do volume VI^o. Vemos, deste modo, que se destacam, em primeiro lugar, os sermões da Quaresma; em segundo, os de Pós-Pentecostes ⁽⁷⁾; em terceiro, os da Páscoa; em quarto, os do Advento; em quinto, exaequo, os da Natividade e os

da Epifania; em último, os de Pentecostes ⁽⁸⁾.

É evidente que uma justificação a ter em conta para estes desníveis quantitativos da produção sermonária litúrgica de Vieira, é a de que eles se prendem com as durações diversas dos períodos litúrgicos: para o Advento, 4 semanas que precedem o Natal; para a Natividade, desde as 1^{as} Vésperas do Natal até ao domingo pós-epifania; para a Quaresma, 40 dias que decorrem desde 4^a feira de Cinzas até Domingo de Páscoa (ou até quinta-feira da Semana Santa) ⁽⁹⁾; para a Páscoa, sete semanas (49 dias), desde Domingo de Páscoa até Domingo de Pentecostes; Pentecostes encerra o período pascal, dando início, em termos de calendário litúrgico, ao chamado Tempo Comum, por onde se estendem, certamente, os 10 sermões de Vieira. Mas, justamente pelo que acabámos de constatar, fica por explicar o desnível quantitativo 'excessivo', relativo aos dois períodos de maior e semelhante duração, ou seja, Quaresma (40 dias) e Páscoa (49 dias).

Tentemos, pois, uma justificação plausível, centrando-nos no estudo destes dois períodos em articulação com os sermões respectivos. Para tal, comecemos por registar que aquela mesma ideia de excesso transparece nitidamente numa passagem de Vieira respeitante ao período da Quaresma: «(c)omeçou (...) com a memória da Cinza e do pó que somos, e com o

* Docente da ESE de Beja

jejum universal: continuou com tanta frequência de sermões, com tantas proclamações de modéstia, compunção e piedade cristã, com tantas mortificações secretas e públicas, e com tanta efusão violenta do próprio sangue(...)», ao que se vem juntar a Semana Santa: «(...) e não se dando por satisfeita com todas estas demonstrações a Igreja, para maior representação de sua justa dor e tristeza, na domingo proximamente passada correu totalmente as cortinas aos altares, e até as imagens sacrossantas de Cristo crucificado nos encobriu e escondeu com aquele véu negro, para que eclipsado assim, e escurecido o divino sol de nossas almas, chegássemos com maior assombro e santo horror aos dias em que somos entrados.» (Sermão de Dia de Ramos, 1656, vol.IV, p.262).

A descrição de Vieira deixa bem claro os três momentos constitutivos do período da Quaresma, os quais se sucedem em crescendo («começou com.../continuou com tanta...tantas... tantas...tanta.../para maior representação... chegássemos com maior...»), culminando com a morte de Cristo (10), (que, por sua vez, prepara o verdadeiro clímax litúrgico no período pascal, com a Ressurreição e Ascensão de Cristo em glória/triunfo). Referimo-nos, como é sabido, às fases da Cinza, Quaresma em sentido restrito e da Semana Santa, as quais correspondem à organização que o pregador deu aos sermões desta estância.

Se atentarmos agora na forma concreta como se processa esta progressão, através dos temas bíblicos escolhidos e tratados por Vieira nos seus sermões, notaremos que a 1ª SUB-SEQUÊNCIA (os três Sermões da Cinza) nos coloca perante o princípio dos princípios com a cena da Queda, no Génesis, onde se destacam dois intervenientes: o Deus do Antigo Testamento (enquanto destinador de uma mensagem) e o primeiro homem - Adão (enquanto destinatário dessa mesma mensagem):

« Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris», Gén., III, 19.

Cada um dos três sermões constitui uma variação ao tema acima referido. No primeiro, Vieira procura, acima de tudo,

«encarecer o perigo» que paira sobre todo aquele que não se reconheça enquanto «pó/cinza». Para isso procede à divisão do tema em duas partes («pulvis es/pulverem reverteris»), o que irá permitir o tratamento das relações que se estabelecem entre elas. Temos assim uma relação de identidade assente numa caracterização adjectivante comum (ambos os aspectos do tema são «grandes/tristes/temerosos e certos») e uma relação de diferenciação, assente numa caracterização adjectivante individualizadora (se o segundo aspecto é «evidente», o primeiro é «difícil»).

Importa ter em consideração, na relação de identidade aludida, a importância dos quatro traços semantizadores correspondentes aos quatro adjectivos empregues, na perspectiva da relação cristã-católica em geral e da pregação de Vieira em particular. GRANDIOSIDADE-TRISTEZA-TEMEROSIDADE-FATALIDADE são quatro traços intimamente relacionados que caracterizam uma face do período quaresmal e que assumem, no sermão de Vieira, uma função de encarecimento (por «excesso») do tema a tratar. Quanto à relação de diferenciação, é de sublinhar que ela permite o tratamento de uma oposição temporal (presente-futuro) que é também um problema de oposição gnoseológica, só ultrapassável pela SABEDORIA CRISTÃ (Igreja/Teologia): «tornar-se pó» é algo que não levanta problemas de fé ou de entendimento, mas «ser pó» é algo que contradiz a evidência, o olhar (conhecimento sensorial). É necessário então recorrer a uma outra forma de conhecimento - o conhecimento/a filosofia cristã (oposta, neste caso, à filosofia do senso comum, da evidência).

Diz Vieira: «Argumento à Igreja com a mesma Igreja: 'Memento homo'. A Igreja diz-nos que supõe que sou homem; logo não sou pó». Trata-se aqui de uma falsa contra-argumentação lógica, pois que a Igreja (e Vieira com ela) está do lado da fé e da verdade: «(...) como (...) foi pronunciada definitiva e declaradamente por Deus ao primeiro homem e a todos os seus descendentes, nem admite interpretação, nem pode ter dúvida», vol.II, p.169. A palavra divina surge aqui como lugar da ins-

tauração do dogma. Contudo, Vieira não deixará de explicar/confirmar em termos de raciocínio lógico (aliança da razão natural com a razão divina), pondo em destaque a problemática da diferença entre o SER DIVINO («só Deus é o que é») e o SER HUMANO («o que é resulta do que foi e do que há-de ser», isto é, «pó»). A dicotomia presente-futuro sucede-se a oposição passado-presente-futuro: «Olhai para o passado e para o futuro, e vereis o presente», p.182⁽¹¹⁾. Esta explicação da VIDA HUMANA («nós») através de um esquema causal-finalístico engendra uma figura geométrica fundamental dos sermões da Cinza: o círculo. A vida humana é como um «círculo que fazemos de pó a pó», p.174. Surge assim, pela primeira vez, um discurso da geometria, centrado na figura do círculo: «Quem vai circularmente de um ponto para o mesmo ponto, quanto mais se aparta dele, tanto mais se chega para ele: e quem, quanto mais se aparta, mais se chega, não se aparta», *ibidem*. Veremos adiante novos desenvolvimentos deste tipo discursivo com outras figuras fundamentais.

A questão da distinção VIDA-MORTE surge tratada através de uma dicotomia central das Escrituras em geral e do ciclo pascal (Quaresma e Páscoa) em particular - LEVANTAR-CAIR/SUBIR-DESCER: os vivos são «pó levantado» pelo vento (sopro divino) enquanto que os mortos são «pó caído» (v.ex. de Adão, p.175); «Por isso, na Escritura o morrer se chama cair, e o viver levantar-se». Neste jogo de visualização de planos («subir/descer»), a Igreja e Vieira lançam dois «momentos»: um ao «pó levantado» - «tudo o que sobe, desce» - outro ao «pó caído» - «lembre-se o pó caído que há-de ser levantado». Nestes dois «momentos» está compreendido todo o ciclo pascal: para o período quaresmal, depois da figura do círculo (movimento de rotação) a que nos referimos atrás, surge agora um duplo movimento ascendente-descendente («tudo o que sobe, desce») ⁽¹²⁾ articulado com a dicotomia VERDADE-APARÊNCIA (no confronto VIDA-MORTE) ⁽¹³⁾; para o período da Páscoa temos unicamente um movimento ascendente que atravessa um espaço compreendido

entre dois planos - o terrestre e o celeste - com uma linha imaginária orientada para o infinito; contudo, este espaço é um espaço - outro, aberto, que se distingue do espaço fechado do círculo das Cinzas, o qual se fica pelo plano terrestre. Ao ciclo da MORTALIDADE segue-se o da IMORTALIDADE: «(.) Ninguém morre para estar sempre morto; por isso a morte nas Escrituras se chama sono»; «Todos nascemos para morrer, e todos morremos para ressuscitar»; ver ainda o exemplo da Fénix Renascida.

Segundo Vieira «(e)ste segundo 'Memento' é muito mais terrível que o primeiro»: «Eu não temo na morte a morte, temo a imortalidade: eu não temo hoje o dia de Cinza, temo hoje o dia de Páscoa, porque sei que hei-de ressuscitar, porque sei que hei-de viver para sempre, porque sei que me espera uma eternidade ou no Céu ou no Inferno». Esta questão da certeza da ressurreição leva Vieira a pôr lado a lado (o que se vai tornar numa constante) a SABEDORIA DOS ANTIGOS (de certos autores gentios como Platão, Aristóteles, Séneca, etc) e a SABEDORIA CRISTÃ, de forma a que esta última saia reforçada. O conhecimento da imortalidade-ressurreição pelos autores gentios assentava na ciência e razão natural enquanto que para os cristãos lhes basta a certeza da fé (dicotomia CONHECIMENTO DIVINO-CONHECIMENTO HUMANO: ver o caso da relação entre o Estolicismo e o Cristianismo).

Depois de discorrer sobre esta questão da MORTALIDADE-IMORTALIDADE HUMANA (o saber ser mortal e o saber ser imortal atingindo a salvação/gracia), Vieira remata o sermão pela incitação ao arrependimento e à salvação, aconselhando a consagrar-se uma hora do dia à devoção e à penitência durante o período da Quaresma. Para tal, fornece quatro pontos de consideração para os quatro quartos dessa hora: «Primeiro, quanto tenho vivido? Segundo, como vivi? Terceiro, quanto posso viver? Quarto, como é bem que viva?» (este remate surge repetido como forma de intensificação persuasiva).

No segundo Sermão da Cinza, Vieira retoma a divisão temática nos termos

com que iniciou o primeiro (pregado no mesmo lugar, no ano anterior)⁽¹⁴⁾, ou seja, estabelecendo uma relação de identidade entre as partes, através de uma adjectivação já nossa conhecida (ambas são «grandes/tristes/temerosas/certas»), mas introduzindo agora uma alteração de estratégia que se vai repercutir na relação de diferenciação entre os aspectos do tema. É que agora «importa mais tratar do remédio que encarecer o perigo», p.191. O «remédio», segundo o autor, será fazer com que o «pó que somos (seja) a triaga⁽¹⁵⁾ (...) o correctivo do pó que havemos de ser» (pp.191-192). Ora é aqui que ganha toda a pertinência a adjectivação individualizadora de cada aspecto do tema: se o segundo aspecto é «grande/triste/temeroso/certo e necessário», o primeiro é «maior/alegre/seguro/contingente e livre». O «pó que somos», isto é, a VIDA HUMANA surge posta em destaque através de uma caracterização positiva que introduz a questão do livre arbítrio. Esta questão deve ser entendida dentro de um esquema causal-finalístico orientado para a ressurreição (VIDA-MORTE-VIDA OUTRA), a que se segue a dicotomia CÉU-INVERNO. Segundo Vieira, a possibilidade de salvação (desde que entendamos e apliquemos como convém o pó que somos) está «nas mãos do homem e não nas do fado». Como? Vivendo cristãmente. E como é que se «vive cristãmente»? É aqui que se dá a inversão e compreendemos que a VIDA só surge valorizada enquanto MORTE: vive-se cristãmente, morrendo cristãmente. Como? Vieira distingue duas mortes: a MORTE-MORTE (pouco segura/muito arriscada) e a MORTE-EM-VIDA (a verdadeira morte cristã que consiste na antecipação da MORTE-MORTE, não se guardando a morte para a morte, mas morrendo em vida). O pregador perfilha aqui, «envergonhado», o pensamento «cristão» (estóico) de Séneca, preconizando que se «acabe a vida antes de morrer», mas no sentido de «morrer para o mundo» (v. metáfora da dupla morte das árvores, retirada da Epíst. de S. Judas Tadeu). Como exemplo disto, o autor chega a propor a recolha ao convento enquanto forma de «me-

ter tempo entre a vida e a morte» (v. metáfora do «sono em vida»).

Se passarmos agora para o terceiro e último Sermão da Cinza (que não chegou a ser pregado na Capela Real por ter adoecido o orador) constataremos que Vieira, pegando de outra forma no tema bíblico, irá defender a tese de «amar a morte e temer a vida» Aqui a MORTE surge associada à ideia de LIBERDADE/BELEZA/PAZ enquanto a VIDA surge ligada à ideia de CATIVEIRO/FEALDADE/GUERRA (ver dicotomias engendradas e as metáforas utilizadas). Que significa este elogio da morte? Não se trata de forma alguma de uma apologia do suicídio, acto que todo o «entendimento racional e cristão» condena (v. pp.249-250 a censura ao suicídio estóico). Trata-se, isso sim, de «viver a vida como morto» (v. questão da MORTIFICAÇÃO, p.251) para depois a «viver 'Cum Christo in Deo'» (p.250).

Depois desta passagem pelos três Sermões da Cinza (Iª SUB-SEQUÊNCIA), em que procurámos focar alguns dos principais aspectos relacionados com o tratamento temático-bíblico (centrado, como vimos, na VIDA-MORTE HUMANA), chegou a altura de nos determos na IIª SUB-SEQUÊNCIA (os 27 Sermões da Quaresma-em-sentido-restrito). Importa, antes de mais, chamar a atenção para uma questão de ordem metodológica: embora façamos o levantamento exaustivo dos temas bíblicos para daí tirarmos algumas conclusões, apenas 9 dos 27 sermões fizeram parte do nosso corpus de trabalho, pelo que as nossas breves notas e comentários só àqueles dirão respeito.

O primeiro aspecto que nos desperta a atenção quando entramos na IIª SUB-SEQUÊNCIA consiste na passagem de Vieira para o Novo Testamento, mais concretamente para o Evangelho de Mateus, donde começa por tomar para tema a parte final do «Sermão Profético de Jesus aos Discípulos», versando o Juízo Final e a Vinda do Filho do Homem na sua Magestade:

«Cum venerit Filius hominis(...) In magestate sua(...)/Et omnes Angeli cum eo(...)/Tunc sedebit super sedem magesta-

tis suae(...)/Et separabit eos ad invicem(...)/Congregabuntur(...) Omnes gentes(...) Ante eum(...)/Sicut pastor segregat oves ab haedis(...) Et statuit oves quidem à dextris suis; haedos autem à sinistris(...)/Segregat oves ab haedis(...)/Venite benedicti, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi(...)/ (incompleto)». (Mat., XXV, 31 e sgs.).

Dos vários aspectos a ter em conta neste sermão, retemos os seguintes: 1) a introdução da problemática dos nomes e títulos de Cristo (Vieira explora duas perspectivas: Cristo enquanto «Filho do Homem» - faceta humana - e Cristo enquanto «Magestade» - faceta divina) - (ver *Los Nombres de Cristo* de Frey Luís de León); 2) a crítica de costumes (V.p.p. 260-261); 3) a chamada de atenção para a responsabilidade da nação portuguesa no Dia do Juízo; 4) a questão das dicotomias engendradas a partir da «separação/união» do Juízo Final; o discurso do (mar/pesca) - a metáfora da «rede», p.274; o discurso «pró-feminista» (16) (ver os casos exemplares de Santa Madre Teresa e da Virgem Maria); 5) o remate através do apelo final: «venite et possidete» (adiante veremos um apelo semelhante: «Venite et Videte»). (CHAMAMENTO PARA A POSSE/VISÃO).

Seguidamente Vieira passa para o Sermão Bíblico da Montanha, centrando-se na rubrica «O cumprimento da lei e dos profetas». O tema bíblico daqui retirado

«Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in Coelis est.» (Mat., V, 44).

abrange três sermões seguidos. No primeiro, abre-se a controvérsia sobre o AMOR-ÓDIO (o SABER AMAR e o SABER ABORRECER) (17), assumindo especial relevo, por um lado, o confronto e, por outro, o paralelismo entre a SABEDORIA DOS ANTIGOS e a SABEDORIA CRISTÁ-DIVINA; surge de novo o discurso do mar com a expressão «Tempo é já de colhermos as redes», p.297; a questão dos nomes de Cristo: neste caso a metáfora do «Médico Divino»; vejam-se as dicotomias engendradas; veja-se o preconceito de Vieira em relação às mulheres, p.302; por último, veja-

-se o apelo final à renúncia, ao arrependimento e à confissão. No segundo, comenta-se o mesmo tema, mas agora de uma forma mais alargada, de modo a permitir o tratamento de três partes distintas: a) «Diligite inimicos vestros»: veja-se a crítica aos GENTIOS, aos JUDEUS e aos MAUS CRISTÃOS que não cumprem a lei divina «Na lei da natureza a abominaram os gentios: na lei escrita a descompuseram os judeus; na lei da graça a desprezam e têm por afronta os cristãos». (p.308); veja-se o contraste entre o Velho e o Novo Testamento; b) «Ego autem dico vobis»: contraste ANTIGOS-CRISTO: a problemática da palavra-dogma divina: «Os Antigos disseram: Sê amigo de teus amigos, e inimigo de teus inimigos; porém eu (diz Cristo) digo o contrário». - Cristo revoga a lei antiga mas não justifica as razões dessa revogação: «Porque ele é o mais forte, o mais poderoso e o mais eficaz motivo de todos; o seu DIZER (EGO DICO) É UM DIZER CRIADOR (O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO); Cristo não dá razões para tal lei; tal como não dá razões («manudações») para os mistérios da fé: «Se perguntarmos aos Teólogos, qual é o motivo por que cremos os mistérios da fé sem nenhuma dúvida, respondem todos com S. Paulo, que o motivo (a que eles chamam objecto formal) é, 'quia Deus dixit', porque Deus o disse», p.325. (ver exemplos difíceis para o entendimento humano: o mistério da Santíssima Trindade e o mistério do Santíssimo Sacramento do altar - dicotomia ENTENDER-CRER). c) o exemplo: «Ut sitis filii Patris vestri, qui in Coelis est»: veja-se aqui a problemática da diferença entre a SABEDORIA de Deus e a do HOMEM, (o contraste entre a «escola de Aristóteles» e a «escola de Cristo»); ver apelo final à imitação do AMOR-ÓDIO DE CRISTO. No terceiro, em que está subjacente uma intenção política, Vieira gira em torno do «vobis» temático, dirigindo-se às «altezas e majestades» terrenas (v.p.343): através da distinção entre «inimicos» e «hostes», o pregador faz a apologia da GUERRA SANTA e critica os «aduladores» (para prova da sua argumentação serve-se de autores gentios, cristãos e bíblicos; ligados ao campo semântico da

«adulação» surgem certos nomes de animais como a «aranha», o «camaleão», os «quatro animais do Apocalipse», as «se-reias» e outras palavras como «sombra», «espelho», «eco»; ver os casos exemplares de David e outros reis, de Ulisses e conselheiro final do próprio Vieira, p.378).

O tema bíblico que se segue, centra-se na passagem bíblica da «Tentação de Jesus» e abrange três sermões de Vieira. No primeiro, se bem que o tema diga respeito à «terceira tentação»,

«Ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum, et dixit ei: haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveres me» (Mat., IV, 8-9).

Vieira não deixa de referir as duas outras tentações, propondo depois o seguinte programa: «Poderosíssimas armas e eficacíssimos remédios contra as tentações do Demónio, são as divinas Escrituras. Mas como eu prego para todos, e nem todos podem menear estas armas, nem usar destes remédios; é meu intento hoje inculcar-vos outras armas mais prontas e outros remédios mais fáceis com que todos possa resistir a todas as tentações» (p.382)⁽¹⁸⁾; a melhor arma, segundo o autor, é a própria tentação convertida em remédio⁽¹⁹⁾ (ver as dicotomias engendradas: MUNDO-ALMA; VERDADE-APARÊNCIA (p.387); SABER-NÃO SABER (p.388); JUÍZO-AFFECTO (p.389); VISÍVEL-INVISÍVEL (p.395); CORPO-ALMA; NADA-TUDO; ver o processo de visualização da figura CRUZ-BALANÇA (p.393); ver o apelo de Vieira à meditação quaresmal na figura de Cristo na Cruz⁽²⁰⁾ para salvação da alma: «Punhamos os olhos em um Cristo crucificado, e aprendamos naquela balança, a pesar e estimar nossa alma. Como está Cristo na Cruz? Despido, afrontado, atormentado, morto: despido pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que o interesse: afrontado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a honra: atormentado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que os gostos: morto pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a vida. Oh, pesemos, e pesemos bem o que é, e o que há-de ser o mundo; o que é, e o que

há-de ser a nossa alma. Seja esta a principal devoção desta Quaresma, e seja também a principal penitência. Não vos peço que nesta Quaresma acrescenteis as devoções, nem as penitências; só uma comutação delas vos peço, e é que tomeis na mão aquela balança. Tomemos sequer meia hora cada dia, para nos fecharmos connosco⁽²¹⁾ e com a nossa alma, e para tratarmos dela, e com ela(...)» (p.408); ver, finalmente, a atribuição da responsabilidade a Portugal por descuidar a empresa da evangelização/cristianização e salvação de almas pelo Novo Mundo: «Neste mesmo instante se estão perdendo infinitas almas na África, infinitas almas na Ásia, infinitas almas na América (cujo remédio venho buscar) tudo por culpa e por negligência nossa. Verdadeiramente não há reino mais pio que Portugal; mas não sei entender a nossa piedade, nem a nossa fé, nem a nossa devoção⁽²²⁾. (...)» (p.409), e ainda, o discurso dirigido, alternadamente, a Deus e ao Rei (p.410) (a ambiguidade político-religiosa). No segundo sermão deparamo-nos com a segunda tentação na cidade santa

«Tunc assumpsit eum Diabolus in sanctam civitatem, et statuit eum super pinnaculum Templi, et dixit ei: si Filius Dei es, mitte te deorsum» (Mat., IV, 5-6).

aproveitada para exemplo do auditório constituído por eclesiásticos. Para tal, Vieira divide a segunda tentação em três partes correspondentes à organização tripartida do seu sermão. São elas três verbos de acção/movimento (aproximação, elevação e queda): VIR-SUBIR-CAIR - (ver censura aos pregadores que não compreenderam o sofrimento de Cristo, p.428). No terceiro sermão retoma-se a terceira tentação para a articular com o contexto brasileiro vivido em 1653, altura em que se levantou o problema dos índios escravos (sermão político-religioso): ver dicotomias engendradas (ALMA-CORPO; VERDADE-APARÊNCIA; CONHECER-NÃO CONHECER; ETC); ver brasileirismos («tupajar de pindoba(...) dous tapulas») ver a figura do pregador como intermediário entre Deus e os homens (pp.9-10); ver proposta político-social de

Vieira em relação ao «problema índio» (pp.16-17); ver referência aos Portugueses enquanto povo de Deus (p.20).

Surgem depois dois sermões cujo tema bíblico diz respeito à «Transfiguração» do Senhor diante dos seus três apóstolos (Pedro, Tiago e João). Com o primeiro sermão completamos o número de sermões que constituem o nosso corpus desta sub-sequência.

«Resplenduit facies ejus sicut sol: vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix» (Mat., XVII, 2).

Aquí levanta-se um problema extremamente interessante: a questão da **fronteira entre a verdade e a ficção** no Texto Sagrado. Esta questão relaciona-se de perto com o **problema interpretativo** (enquanto função-antes).

Diz Vieira: «O quinto domingo da Quaresma, chama-se vulgarmente, na nossa terra, o **domingo das verdades**; e este segundo domingo, em que estamos, se é lícito falar assim, chamara-lhe eu o domingo das mentiras», Vol. III, p.23. A Transfiguração do Senhor é o momento da manifestação da sua glória aos homens. Mais uma vez estamos perante a relação entre o plano terrestre/humano e o plano celeste/divino, posto agora em termos de CONHECIMENTO. Segundo o pregador, a glória de Deus é indizível (v.p.25); por isso, tudo o que dela for dito só pode ser «mentira». A melhor forma de conhecer a GLÓRIA é a que assenta no VER (para melhor CRER). Dizê-la é deformá-la; é mentir «por defeito» (ver insuficiência da comparação de Mateus entre o «resplendor do rosto» de Cristo e o «sol»). Oíçamos o autor: «A verdade dos evangelistas em todas as outras matérias é tão adequada, como infalível, mas quando chegam a falar da glória, não por defeito do historiador, mas por excesso da mesma glória, são, tão imperfeitas as cores com que a pintam, e tão desiguais as semelhanças, com que a descrevem, que não dizem o que é, como é, senão como não é. Declaram o muito pelo pouco, encarecem o mais pelo menos, explicam o que chamam semelhante, pelo que não tem semelhança. Enfim, de tal maneira narram as verdades da glória, que sempre ficam den-

tro dos termos e divisão da mentira(...)» (p.32): ver a «mentira» dos evangelistas (Mateus, João) e dos profetas (Isaías) sobre a GLÓRIA (que excede tudo o que se pode VER, DIZER, IMAGINAR E OUVIR). Diz Vieira acerca dos profetas: «Dizem figuras, dizem comparações, dizem semelhanças; mas todas essas comparações são tão desiguais, todas essas semelhanças tão diferentes, e todas essas figuras tão pouco parecidas, que nas comparações fica a glória totalmente abatida, nas semelhanças desluzida, e nas figuras desfigurada (...)» (p.40). A seguir Vieira justifica esse conhecimento imperfeito/fictício da GLÓRIA DIVINA através de uma comparação interessante: «Quase lhes aconteceu aos profetas com o Céu lá de cima, que não vemos, o mesmo que aos matemáticos e astrólogos com este céu cá de baixo, onde chega a nossa vista. Viram os matemáticos esse labirinto de luzes, de que está semeada sem ordem toda a esfera celeste, tão diversas na grandeza, como várias no movimento, e infinitas no número; e para assentar alguma cousa certa em uma confusão tão imensa, que fizeram? Repartiram o mesmo céu, e fingiram em todo ele grande multidão de figuras, umas naturais, outras fabulosas. Aquí puseram um touro, ali um leão, acolá uma serpente: aqui um cervo, ali um cisne, acolá uma águia: em uma parte a Hércules, em outra a Oríon, em outras a Medusa, a Berenice, a Andrómeda: o cavalo Pégaso voando com asas, o rio Erídono volteando a corrente, a nau Argos navegando: um golfinho, um caranguejo, uma balança, um carro: o escorpião, o centauro, a hidra, o capricórnio, e outras quimeras como estas, tão feias nos aspectos, como nos nomes. Pois no céu há estes animais, estas fábulas, estes monstros? Não; que tudo são estrelas resplandecentes e formosas. Mas foi necessário aos matemáticos fingir no céu estas mentiras, e pôr lá estas fábulas, para por meio delas se entenderem entre si, e ensinarem de algum modo ao mundo a verdade do que passa no céu(...)» (pp.42-43).

O aspecto interessante desta longa passagem reside no facto de Vieira definir o CONHECIMENTO HUMANO (e, neste ca-

so, os primórdios do CONHECIMENTO CIENTÍFICO) em termos de projecção do CONHECIDO no DESCONHECIDO (problema da interpretação enquanto função antes-projectada-no-depois). A justificação da comparação (embora modalizada: «(...) quase(...)») com o CONHECIMENTO DAS COISAS DIVINAS baseia-se no facto de evangelistas e profetas não terem podido recorrer ao CONHECIMENTO DIRECTO-VISUAL (aqui valorizado como VERDADEIRO) - que não era lícito SER DITO, antes SILENCIADO (ver o caso de S. Paulo, p.43) - mas sim ao CONHECIMENTO INDIRECTO - que permite a «mentira material» (S. Agostinho) na busca da VERDADE. Ora se isto tem necessárias implicações no uso da linguagem acerca das coisas humanas (descrever o desconhecido só pode ser realizado através da linguagem/pensamento conhecida(o), também não deixará de as ter, em relação à linguagem que fala das coisas divinas. Há, pois, uma RETÓRICA DAS COISAS DIVINAS cujos fundamentos são explicitados por Vieira: «E se algum crítico acaso tiver estranhado da mentira para persuadir a verdade, não só não encontra as leis da boa e verdadeira retórica; mas é um dos maiores primores da sua energia» (p.45). Nesta retórica, Vieira, através da Séneca, destaca uma figura fundamental: a HIPÉRBOLE: «O fim por que a hipérbole se estende tanto fora dos mesmos limites do que pretende persuadir, é porque quer chegar à verdade por meio da mentira; mente, e diz mais do que a cousa é, para que se venha a crer o que é: não é tão mal entendida a hipérbole, que espere tanto do ouvinte, quanto ela se atreve a afirmar: mas afirma o que é incrível, para que se lhe creia tudo o que se pode crer» (p.45).

Distinguindo dois tipos de hipérbole (a hipérbole por excesso e a hipérbole por diminuição), Vieira qualifica o seu próprio discurso como hipérbole por diminuição (v.p.46) num gesto de humildade. A rematar o sermão, o pregador apela ao conhecimento directo-visual da verdade, isto é, do «Deus da Glória»: «Venite et videte» (o VER tem de ser precedido do VIR, pois a visão da glória é a compensação do cami-

nho de Cristo) - ver diferenciação entre «Deus-Deus» e «Deus da Glória».

O segundo sermão acerca da Transfiguração tem o seguinte tema:

«Assumpsit Jesus Petrum, et Jacobum, et Joannem, et duxit illos in montem ⁽²³⁾ excelsum seorsum, et transfiguratus est ante eos.» (Mat., XVII, 1-2).

Ao passarmos para o outro sermão da sub-sequência, deparamo-nos não só com uma mudança de rubrica evangélica («Discurso de Jesus sobre a sua missão») mas também com uma mudança de Evangelho (o de João):

«Ego vado, et quaeritis me, et in peccato vestro moriemini.» (João, VIII, 21).

Segue-se um retorno a Mateus, com mudança de rubrica evangélica (alusão ao «Milagre de Jonas» na resposta aos escribas e fariseus):

«Generatio mala, et adultera signum quaerit, et signum non dabitur ei.» (Mat., XII, 39).

Com o sermão seguinte mudamos de evangelho, para o de Lucas, sendo o tema retirado da rubrica «A blasfémia dos fariseus»:

«Cum ejecisset daemonium, locutus est mutus: et admiratae sunt turbae» (Luc., XI, 14).

Retornamos a Mateus com os três sermões seguintes, os quais se centram na mesma rubrica evangélica («O pedido da mãe dos filhos de Zebedeu»):

a) «Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, et unus ad sinistram, in regno tuo.» (Mat., XX, 21);

b) «Nescitis, quid petatis» (Mat., XX,22);

c) «Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.» (Mat., XX, 23).

Em seguida reencontramos Lucas na rubrica «A blasfémia dos fariseus»:

«Erat Jesus ejiciens daemonium, et illud erat mutum.» (Luc., XI, 14).

Temos depois uma série de sermões cujos temas são retirados do Evangelho de João. Os dois primeiros centram-se na mesma rubrica («A mulher adúltera»):

a) «Jam amplius noli peccare» (João, VIII);

b) «Hoc autem dicebant tentantes eum, ut possent accusare eum.» (João, VIII, 6).

Os três seguintes centram-se na rubrica «A multiplicação dos pães»:

a) «Colligite quae superaverunt fragmenta, ne pereant.» (João, VI, 12);

b) «Fugit iterum in montem ipse solus.» (João, VI, 15);

c) «Ut autem impleti sunt, collegerunt, et impleverunt duodecim cophinos fragmentorum» (João, VI, 12-13).

Segue-se um sermão cujo tema é retirado da rubrica «A incredulidade dos irmãos de Jesus»:

«Nemo in occulto quid facit.» (João, VII, 4).

Outro é retirado da rubrica «Cura de um cego de nascença»:

«Vidit hominem caecum» (João, IX, 1).

Os três seguintes saem do «Discurso de Jesus sobre a sua missão»:

a) «Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?» (João, VIII, 46);

b) «Si dixero quia non scio eum, ero similis vobis mendax» (João, VIII, 55);

c) «Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?» (João, VIII, 46).

Mudamos depois para a rubrica «Os fariseus formam conselho para matar Jesus»:

«Collegerunt Pontifices, et Pharisaei concilium.» (João, XI, 47).

Com o sermão a que se refere o tema acima citado fechamos a IIª SUB-SEQUÊNCIA (dos 27 sermões da Quaresma-em-sentido-restrito). Os dois sermões que se seguem (Sermão do Sábado antes da Domingo de Ramos, 1634 e Sermão de Dia de Ramos, 1656) estabelecem a transição para a IIIª SUB-SEQUÊNCIA (dos 12 sermões da Semana Santa). O tema bíblico escolhido por Vieira no primeiro faz a junção de duas rubricas do Evangelho de João: a) «Maria unge, com unguento, os pés de Jesus»; b) «A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém»:

«a) Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut et Lazarum interficerent, quia multi propter illum abibant ex Judaels, et crede-

bant in Jesum. b) In crastinum autem turba multa, quae venerat ad diem festum, cum audisset quia venit Jesus Jeroselymam, acceperunt ramos palmarum, et processerunt obviam ei.» (João, XII, 10-13).

No segundo, embora o tema bíblico seja retirado de uma rubrica comum ao Evangelho de João (i.e., da «Entrada triunfal de Jesus em Jerusalém»), Vieira passa para o Evangelho de Mateus:

«Alii autem caedebant ramos de arboribus, et sternebant in via.» (Mat., XXI, 8).

Este sermão assume especial importância, antes de mais, porque nos fornece informações mais pormenorizadas da calendarização litúrgica e sua significação, respeitantes ao período pré-quaresmal e quaresmal. Diz Vieira: «As três estâncias que(...) já passámos, (ver o mistério das três estâncias: os dois Átrios e o Templo do Sancta Sanctorum, p.261), tanto mais estreitas, quanto mais interiores, foram: a primeira desde a Septuagésima até à Quaresma: a segunda do princípio da Quaresma até à domingo próxima chamada da Paixão: a terceira da mesma domingo da Paixão até o dia presente. Na entrada da Septuagésima se começaram a enlutar os altares, e cessaram no canto eclesiástico as alelulas, sendo esta cerimónia exterior o primeiro prelúdio ou reclamo da penitência, para que, não dissolutos, mas compungidos, entrássemos no tempo santo da quaresma. Começou a Quaresma com a memória da cinza e do pó que somos(...) e não se dando por satisfeita(...) a Igreja, na domingo proximamente passada correu totalmente as cortinas aos altares, e até as imagens de Cristo crucificado nos encobriu(...) para que(...) chegássemos com maior assombro e santo horror aos dias em que somos entrados.» (ver princípio deste estudo, pp.1-2). Os «dias em que somos entrados» a que se refere Vieira são os que constituem a última semana da Quaresma, cujo sentido/significação vai ser tratado pelo autor neste sermão: «(...) o assunto que somente vos determino pregar hoje, é este: Que deve fazer todo o cristão para que a Semana Santa seja santa?» Antes, porém, de entrar na matéria, Vieira avança

com algumas informações que dizem respeito à variação histórica do nome atribuído a esta última semana da Quaresma e ao sentido de cada uma dessas designações: «Os Antigos(...) chamavam a esta semana a semana penosa, pelos tormentos e penas que Cristo nosso Redentor nela padeceu, e pelo sentimento e dor com que nós as devemos corresponder e acompanhar. A Igreja universal lhe chama a Semana Maior, porque nela se consumaram os maiores mistérios de nossa Redenção, os maiores excessos do amor e misericórdia divina, e o maior e mais tremendo exemplo de sua justiça. Nós, em significação de todas estas cousas juntas, chamamos vulgarmente à mesma semana, a Semana Santa(...)» (p.262): note-se a síntese histórico-sincrónica cristã-católica (ANTIGOS-IGREJA UNIVERSAL-NÓS).

Por outro lado, este sermão desempenha uma função asseguradora de coerência à sequência litúrgica quaresmal por que estão dispostos os sermões de Vieira. Ele é um ponto de chegada e um ponto de partida em termos da lógica quaresmal: recapitula o passado sublinhando o que não foi feito e deveria tê-lo sido (ver pp.266-268) e apela para o que ainda pode/deve ser feito no futuro próximo (presentificação do passado e intensificação do presente-futuro próximo): «Eis aqui, cristãos, como muitos de vós tendes passado a Quaresma, perdendo tantos dias em que pudéreis abrir os olhos, e em que pudéreis entrar dentro em vós; cerrando sempre os ouvidos às vozes do Céu, e fechando os corações às inspirações divinas. Os dias que passaram, já não podem tornar, nem têm remédio: os que estão por vir daqui até quinta-feira (que é a última reserva das consciências mais descuidadas) não são mais que três dias: vede se será bem que até estes deixemos passar debalde, e que nem de um prazo tão estreito nos aproveitemos!» (p.268). Vejamos então o que ainda pode/deve ser feito por todo o cristão até quinta-feira da Semana Santa.

Para isso, o autor aproveita-se das divergências entre os Evangelhos de Mateus, João e Lucas respeitantes ao tipo de ramos de árvore oferecidos a Jesus aquan-

do da sua entrada triunfal em Jerusalém: «(...) posto que S. Mateus não declare ⁽²⁴⁾ , quais fossem, S. João diz que eram de palma, e S. Lucas de oliveira(...) (a) palma é símbolo da paciência, como a oliveira da misericórdia e compaixão: e tais eram os dois mistérios que encerrava o aparato e diferença daqueles ramos: padecer e compadecer » (p.271). Encontrado assim o sentido do Dia de Ramos, Vieira fará corresponder «padecimento» ao CORPO (tal como Cristo que padeceu nos cinco sentidos pelos pecados de Adão assim o deve padecer o homem: ver o exemplo do sofrimento de Cristo e as mortificações a que se deve sujeitar o homem nas pp.272-276) e o «compadecimento» à ALMA (contemplação das dores de Cristo crucificado; «Só três cousas dou licença a nossas almas que se possam perguntar a si mesmas no meio desta suspensão. Quem padece? Que padece? Por quem padece?», p.278). A terminar o sermão, Vieira faz uma contundente censura aos costumes mundanos habituais (paradoxalmente) em Portugal e Espanha, no interior das igrejas (o olhar, falar e conversar) e apela ao respeito pelas igrejas e veneração dos mistérios da Paixão (a qual, se quer feita em silêncio e em comunicação exclusiva com Cristo).

Os seis sermões que se seguem (chamados Sermões do Mandato) retomam o Evangelho de João, na rubrica «Jesus lava os pés aos Discípulos». Cinco deles repetem as mesmas palavras do tema:

«Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos». (João, XIII, 1)

O outro segue outras palavras:

«Et vos debetis alter alterius lavare pedes» (João, XIII, 14).

O sermão seguinte levanta-nos o problema da identificação exacta da fonte do tema bíblico. Trata-se, em princípio, de um retorno ao Antigo Testamento, se a indicação «Salm. XVII» corresponder a «Salm XVII» (Oração de David):

«Doloris Inferni circumdederunt me» (Salm.XVII).

Temos depois um sermão cujo tema

é retirado da Epístola de S. Paulo aos Filipenses, mais propriamente da rubrica «Exortação à perseverança, ao amor fraternal e à santidade»:

«Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis» (Ad. Philip. II,8) (ver ponto II)

Surge outro cujo tema é retirado do Evangelho de Lucas (rubrica referente à Crucificação):

«Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum: Hodie mecum eris in Paradiso» (Luc., XXIII, 42-43).

Finalmente o sermão que fecha a IIIª SUB-SEQUÊNCIA da SEQUÊNCIA DOS SERMÕES DA QUARESMA tem por tema bíblico uma passagem do Evangelho de Lucas referente à rubrica «Pedro nega Jesus»:

«Cantavit gallus, et conversus Dominus respexit Petrum, et aggressus foras flevit amare» (Luc., XXII, 60-62).

Sem mais delongas passemos para a SEQUÊNCIA DOS SERMÕES DA PÁSCOA (8) atendendo à disposição sermonária (através dos temas bíblicos escolhidos) e a aspectos de conteúdo que se revelem pertinentes. Na medida em que existe também aqui uma progressão a ter em conta, e por uma questão de facilidade de análise, distinguiremos três SUB-SEQUÊNCIAS: a que diz respeito à Ressurreição de Cristo; a que tem a ver com a Manifestação/Aparição aos Discípulos; a que se prende com a Ascensão.

Temos assim a Iª SUB-SEQUÊNCIA constituída pelos três primeiros sermões (da Ressurreição), cujos temas bíblicos são retirados do Evangelho de Marcos. O primeiro centra-se numa parte do discurso do anjo às três Marias:

«Surrexit, non est hic» (Marc., XVI, 6).

A resposta à questão de saber «onde» («ubi») estava Jesus Nazareno (visto não estar no sepulcro quando lá chegaram de madrugada as Marias) constitui a matéria deste sermão de Vieira. Diz Vieira: «(...) Estava ressuscitando a sua Mãe(...) Em todo o tempo destes três dias e noites em que Cristo esteve na sepultura, lá estava também a alma da Mãe, que junta-

mente se sepultou com ele. De sorte que por milagre da dor e do amor, na sepultura estava o filho morto com alma, e fora da sepultura estava a Mãe viva sem alma.(...) Mas no ponto em que a alma do Senhor, tornando triunfante do Limbo, se introduziu no seu corpo; o corpo do Filho e o da Mãe, porque a ambos se lhe restituiu a alma própria, ambos ressuscitaram.(...)» (p.120).

Esta questão da INSEPARABILIDADE MÃE-FILHO NA RESSURREIÇÃO (que completa ⁽²⁵⁾ a INSEPARABILIDADE MÃE-FILHO NA PAIXÃO E MORTE: Ver na SEQUÊNCIA DA QUARESMA O Sermão das Dores da Sacratíssima Virgem Maria (Depois da morte de seu benditíssimo Filho)) explica, segundo Vieira, a questão problemática da antecipação da Ressurreição de Cristo aos três dias previstos. Diz Vieira: «(...) quando as Marias chegaram ao sepulcro, só se tinha cumprido metade deste tempo, porque três dias e três noites fazem setenta e duas horas, e Cristo não esteve na sepultura mais que trinta e seis, que tantas se contam desde a tarde da sexta-feira, em que foi sepultado, até a manhã ou madrugada do domingo, em que ressuscitou. É verdade que a estas trinta e seis horas de tempo, sendo a metade menos meio por meio, usando o Senhor da figura da sinédoque muito ordinária na Escritura, em que se toma a parte pelo todo, reduziu os três dias e três noites da sua sepultura a outros tantos, não inteiros e completos, mas partidos e incompletos(...) (para) cumprir a verdade da sua promessa (promessa de ressuscitar a Mãe, feita a David), e acudir juntamente às saudades de sua Mãe e suas» (pp.121-122).

Aproveitando-se da comparação (feita pela Igreja) que aproxima o dia do nascimento de Cristo ao da sua ressurreição (dois nascimentos de Cristo: um para a VIDA MORTAL e outro para a VIDA IMORTAL), Vieira introduz uma distinção fundamental entre eles: «Pois se o Senhor para nascer de sua Mãe, esperou que os meses e dias fossem inteiros e completos: 'impleti', para nascer e sair do sepulcro, porque não esperou também que os dias e noites fossem completos, senão que os partiu pe-

lo meio? Porque quando nasceu das entranhas da Virgem Santíssima, estava com sua Mãe; quando nasceu, e saiu do sepulcro, estava ausente dela. E o mesmo amor gozoso que então esperou o cumprimento dos meses e dias, sem perder um instante, agora saudoso e impaciente de esperar instantes, cortou os dias e noites pelo meio, para se restituir glorioso à sua presença», p.122 (ver dicotomia de ordem temporal: ESPERAR-NÃO ESPERAR; de ordem espacial: PRESENÇA-AUSÊNCIA; de ordem misteriosa: GOZOSO-GLORIOSO; de origem misteriosa: SAIR DAS ENTRANHAS-SAIR DO SEPULCRO).

A interpretação que Vieira faz das relações PAI-MÃE-FILHO daria, sem dúvida, material de trabalho para comprazimento da moderna psicanálise: «Vós sois, diz Cristo a seu Eterno Padre, o que me tirastes por força das entranhas de minha Mãe, que se fora pelo meu gosto, nunca de lá saíra. Essa é a energia da palavra 'extraxisti'; arrancar e tirar por força. De sorte que para tirar a Cristo das entranhas de sua Mãe, depois de cumpridos os meses e os dias, foi necessário toda a força do Pai; e para o tirar do sepulcro, cortando e rompendo pelo meio as noites e os dias, bastaram as saudades da Mãe», p.123 (ver dicotomia CLARO-ESCURO, p.119; ver metáfora da «Arca», p.121; ver dicotomia DENTRO/INTERIOR-FORA/EXTERIOR; ver lógica tautológica do dogma: «O certo é que Deus não teve 'ubi' senão depois que teve Mãe, e o 'ubi' da Mãe do Filho era o mesmo», p.130).

O segundo sermão da Ressurreição tem o seguinte tema bíblico:

«Valde mane una sabbatorum, veniunt ad monumentum, orto jam Sole» (Mar., XVI, 2).

Partindo do tema referido e da expressão «Quem mais ama mais madruga», Vieira define a matéria do seu sermão em duas direcções: na primeira põe a tónica no Senhor da Ressurreição enquanto o maior MADRUGADOR «por amor dos homens»; na segunda insiste na imitação do exemplo de Cristo «para não faltar à memória, e boa correspondência de tanto amor». Quanto ao primeiro aspecto importa su-

blinhar as referências à alegria e festividade associadas à Ressurreição e o encarecimento desta através dos vários «equivocos» dos textos sagrados («Tudo naquele alegre dia foram equivocados»: «(...) porque o dia da Páscoa teve dous princípios, duas madrugadas, duas manhãs, e dous sóis que o fizeram», p.138; ver discurso da astronomia e as associações de Cristo ao Sol divino, pp.140-141; ver dicotomias engendradas como por ex: RACIONAL-IRRACIONAL; TRISTEZA-ALEGRIA; DORMIR-ACORDAR; etc). Quanto ao segundo, note-se o apelo: «(...) assim como o maná se derretia em o tocando os raios do Sol, assim se desfaz e perde o valor e aceitação diante do acatamento divino a oração dos que não madrugam antes do mesmo Sol a lhe dar as devidas graças(...): ver a dicotomia do DESPERTAR RACIONAL-DESPERTAR IRRACIONAL p.165; ver a voz e exemplo divinos na figura do GALO, p.170.

O tema do terceiro sermão da Ressurreição retoma, de forma mais alargada, o do primeiro:

«Nolite expavescere: Jesum quaeritis Nazarenum, cruxifixum; surrexit: non est hic» (Mar., XVI, 6).

Note-se o que nos diz Vieira na abertura deste sermão, pois resume um aspecto importante do sentido a que este levantamento sequencial nos conduz: «Que parecidas são as obras de Cristo, ainda as que menos se parecem! As tristes e as alegres: as dolorosas e as gloriosas: as de Sua morte, e as de Sua ressurreição, todas causam os mesmos efeitos(...). De maneira que Cristo morto faz pasmar com a sua morte e Cristo ressuscitado faz pasmar com a sua ressurreição, sendo a ressurreição e a morte duas cousas tão encontradas», p.175. Deste íntimo encontro resulta que não se possa falar em oposição de conteúdo em termos absolutos entre os sermões da Quaresma e os sermões da Páscoa. Neste sermão acerca da Ressurreição vemos assim surgir, ao lado das considerações alegres e festivas (v.p.176), considerações de «temor, pavor e assombro» (como se de um sermão da Quaresma se tratasse): «Em dia da ressurreição

temor? Em dia da ressurreição pavor e assombro? Alegrias, festas, prazeres são os efeitos e os aspectos próprios deste dia, mas temor e tremor? (...) Sim, porque não há coisa mais temerosa e mais tremenda nesta vida: não há coisa mais para fazer temer e tremer os corações mais valentes e animosos, que a certeza da ressurreição(...) E porquê? A razão é clara. A morte é o fim da vida que acaba: a ressurreição é o princípio da vida, que não há-de acabar(...). Com o fim da vida acabam os males temporais: com o princípio da eternidade podem começar os males eternos(...)», p.178; «Pois que havemos de fazer no dia da ressurreição de Cristo? entristecer-nos? tremer? temer? encerrar-nos? sepultar-nos? meter-nos vivos na sepultura, donde Cristo salu? A esta pergunta não se pode responder do púlpito; do confessional sim. Se estais em estado de pecado mortal, teme e treme, e cause-vos grande tristeza a ressurreição; mas se estais em graça de Deus, e tendes propósitos firmes de a conservar, alegrai-vos, ponde a vossa alma e o vosso coração muito de festa e não temais», p.179. (Sobre as considerações de ordem gloriosa vejam-se os «quatro dotes dos corpos gloriosos»: subtilidade; agilidade; impassibilidade e clareza. pp.181-184).

Com os três sermões que se seguem, mudamos para o Evangelho de Lucas, iniciando-se a IIª SUB-SEQUÊNCIA (Sermões da Páscoa que versam as Aparições de Cristo ressuscitado). Os dois primeiros seguem a rubrica «Dois discípulos no caminho de Emaús»:

a) «Duo ex Discipulis Jesu ibant ipsa die in castellum, nomine Emaús» (Luc., XXIV, 13);

b) «Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, et estis tristes? Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel» (Luc., XXIV, 17 e 21);

O terceiro sermão que fecha a IIª SUB-SEQUÊNCIA baseia o seu tema na rubrica «Aparição de Jesus aos Doze»:

c) «Stetit Jesus in medio Discipulorum suorum et dixit eis: Pax vobis. Et cum hoc dixisset, ostendit eis manus et pedes»

(Luc., XXIV, 36 e 40).

Os três sermões da Páscoa, cujos temas bíblicos referimos acima, pouco adiantam em termos litúrgico-religiosos, porquanto se tratam de sermões marcadamente do foro político-económico e social.⁽²⁶⁾

O sermão que estabelece a transição entre a IIª e a IIIª SEQUÊNCIAS retira o seu tema do Evangelho de João, mas (ao contrário do que seria de esperar) de uma rubrica que diz respeito às «Últimas instruções de Jesus aos Discípulos; a razão da sua saída do mundo e a promessa do Consolador» (rubrica que seria mais apropriada para o período quaresmal)⁽²⁷⁾:

«Vado ad eum, qui me misit, et nemo ex vobis interrogat me, quo vadis? Sed quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum» (João, XVI, 5 e 6).

Se olharmos para o título deste sermão veremos que se trata de um sermão pós-pascal, o que explicaria o seu tema bíblico tipicamente quaresmal e poria em causa o seu posicionamento entre os sermões da Ressurreição e o da Ascensão (em termos de progressão sequencial).

Diz Vieira: «Determino ensinar hoje o todo o homem em qualquer fortuna uma arte muito certa, muito útil, muito agradável, e muito breve, que é a arte de não estar triste», p.288. Antes disso, porém, o autor começa por definir a «tristeza» através da metáfora da «enfermidade» (enquanto castigo divino pelo pecado original: «A tristeza (se buscarmos a razão deste tributo) não é filha da natureza, senão da culpa», p.289; ver a metáfora do mundo como «vale de lágrimas» David, Sal., LXXXIII, 7; ver dicotomia INTERIOR (CORACÃO)-EXTERIOR(OLHOS), p.290), distinguindo entre «enfermidade do corpo» (ver discurso da medicina com a recusa dos autores gentios - Galeno e Hipócrates; ver as considerações sobre a transitoriedade da vida e a descrição da figura terrível da morte - o «cavaleiro do Apocalipse», p.291) e «enfermidades da alma» (ver considerações sobre o estado de pecado e a tentação do demónio, pp.293-296). Depois disto, diz o pregador: «Resta agora, neste segundo

discurso menos melancólico, tratar do remédio desta peste do género humano, e ensinar, como prometl, a arte de nunca estar triste» (p.297). Segundo Vieira, o «remédio» consiste na consideração da questão central «Quo vadis» (Começamos agora a compreender que o tratamento deste aspecto temático preceda o sermão da Ascensão). Reabrindo a dicotomia CORPO-ALMA, Vieira apela ao desengano dos apetites materiais (COMER; VESTIR) e à consideração do caminho e prémio divinos (ver censura da "MUDEZ" e da "CEGUEIRA"; ver descrição do «caminho do céu», pp.321-322; ver discurso da náutica, p.323; ver metáfora do comércio, p. 324 e o nome metafórico de Cristo enquanto «mercador»; ver dedução do Santíssimo Sacramento no remate, p.328).

Para além da justificação formal -conteudística da localização deste sermão antes do da Ascensão, importa sublinhar o facto do ciclo pascal ser um todo que admite deslocacões deste tipo, sem que, por isso, fiquem postas em causa as lógicas sequenciais.

Por fim chegamos à IIIª SUB-SEQUÊNCIA constituída por apenas um sermão, cujo tema é retirado da parte final do Evangelho de Marcos respeitante à Ascensão:

«Et Dominus quidem Jesus, postquam loquutus est eis, assumptus est in Coelum, et sedit a dextris Dei» (Marc., XVI, 19) - Ver Ponto II.

Depois deste longo levantamento se-

quencial dos sermões da Quaresma e da Páscoa importa retirar algumas conclusões. Assim, começando por responder à questão inicial das razões que estão na base da diferença quantitativa "excessiva" entre o sermonário quaresmal e o sermonário pascal, diremos que elas se prendem com a quantidade de informação bíblica que cada período requer. Enquanto que para o período quaresmal, Vieira percorre vários episódios da vida, paixão e morte de Cristo através dos temas bíblicos dos seus sermões, para o período pascal, a matéria bíblica patente nos temas dos sermões respectivos, restringe-se àquilo que a constitui, isto é, ressurreição, aparições e ascensão. Ora o que há para contar de 33 anos de vida (Idade de Cristo na sua morte) e o que há para contar de um dia (segundo Lucas) ou mais (outros Evangelhos) ou de 40 dias (Actos), não pode, evidentemente, ser o mesmo, em termos de matéria bíblica. Nesta perspectiva, se comparássemos o número de temas bíblicos não repetidos dos sermões de um e outro período, mais veríamos acentuar-se o desnível quantitativo.

Antes de deixarmos os temas bíblicos escolhidos, gostaríamos de registar alguns aspectos estatísticos resultantes do levantamento efectuado. Deste modo, apontamos em seguida as fontes bíblicas referentes à sequência dos sermões da Quaresma e à sequência dos sermões da Páscoa, segundo uma ordem decrescente de preferências:

A. QUARESMA

1º Evangelho de João	12(Q.S.R.) + 7(S.S.) = 19T.B.
2º Evangelho de Mateus	13(Q.S.R.) + 1(S.S.) = 14T.B.
3º Evangelho de Lucas	2(Q.S.R.) + 2(S.S.) = 4T.B.
4º Antigo Testamento - Génesis.....	1(C.C.)T.B.
" " " - Sal.(?)	1(S.S.)T.B.
" Novo Testamento - Epíst. S. Paulo Ad.Philip.	1(S.S.)T.B.

B. PÁSCOA

1º Evangelho de Marcos	3(R.) + 1(A.) = 4T.B.
2º Evangelho de Lucas	3(Ap.) T.B.
3º Evangelho de João	1[P.P.(S.S.)]T.B.

[Legenda :	Q.S.R.	=	Quaresma em sentido restrito;
		S.S.	=	Semana Santa;
		T.B.	=	Tema(s) Bíblico(s);
		C.C.	=	Ciclo das Cinzas;
		R.	=	Ressurreição;
		A.	=	Ascensão;
		Ap.	=	Aparições;
		P.P.S.S.	=	Pós-Pascal - Semana Santa.]

Vemos, portanto, que Vieira, para os temas bíblicos dos sermões da Quaresma, dá preferência ao Evangelho de João, enquanto que, para os dos sermões da Páscoa, dá preferência ao Evangelho de Marcos. Ora, estas preferências tornam-se tanto mais significativas quanto vêm contrariar radicalmente a tendência estatística do sermonário integral em que o primeiro lugar é ocupado por Mateus (com 66 temas bíblicos) e o segundo lugar, por Lucas (com 62 temas bíblicos). Em terceiro lugar surge então João (com 36 temas bíblicos), seguido por Marcos (com apenas 6 temas bíblicos). Sem querermos aprofundar as razões de tais preferências por João e Marcos (o que justificaria só por si um estudo exclusivo)⁽²⁸⁾, deixamos apenas no ar três ordens de hipóteses que não se excluem entre si: em primeiro lugar, **razões de ordem bíblica** - Evangelhos (perspectiva teológica; questões estruturais, estilísticas e de vocabulário; etc) - por exemplo: o facto de João ser preferido para a Quaresma terá alguma coisa a ver com a estrutura do seu Evangelho, mais «completo/elaborado» que os dos Sinóticos? A sua «teologia dos milagres» terá tido algum peso, já que são dele os milagres referidos? Terá contribuído o facto do seu Evangelho veicular uma «perspectiva realista»? Que peso terá tido em Vieira a especificidade do vocabulário joanino ligado, por exemplo, à questão da «Incredulidade» perante o seu DIZER? E o nível de língua utilizado no seu Evangelho?

Quanto à preferência dada a Marcos para a Páscoa: haverá alguma relação entre o estilo espontâneo, abreviado e visual do intérprete de Pedro e a sua escolha temática exclusiva para os sermões da Ressurreição? Porquê Marcos e não Lucas pa-

ra o tema bíblico da Ascensão? Finalmente, em relação a ambos os autores: haverá exclusividade de certas passagens em relação aos outros autores?; em segundo lugar, **razões intra-sermonais** (as estratégias argumentativas de Vieira dependem da versão/passagem escolhida) e **razões comunicacionais** (relação pregador-ouvintes; adequação ao auditório); em terceiro lugar, **razões que se prendem com o (maior/menor) conhecimento de Vieira em relação a cada evangelista ou com questões de gosto e memória do pregador jesuíta.**

Um outro aspecto que ressalta do quadro estatístico anterior merece destaque: ao passo que todos os temas bíblicos dos sermões da Páscoa provêm exclusivamente de Evangelhos (Marcos, Lucas e João), isto é, do Novo Testamento, pelo menos dois dos temas da Quaresma, provêm do Génesis e Salmos, isto é, do Antigo Testamento. Curiosamente esses dois temas, correspondem, respectivamente, às fases inicial (Cinzas) e final (Semana Santa) da Quaresma, como que a fazer sentir a presença do Antigo no Novo Testamento (entendendo este como o tempo de Cristo, por excelência).

Apesar de todas estas informações apuradas, o levantamento sequencial dos temas bíblicos não constitui uma via segura para a obtenção de respostas satisfatórias a certas questões, podendo mesmo induzir em erro o analista. Assim, por exemplo, ainda que atrás tivéssemos podido responder à questão inicial do «desnível quantitativo», não nos demos conta que, tal resposta e tal pergunta, constituem falsos problemas, porque a nossa análise se ficava pelos temas bíblicos. Ora, mesmo que nos fiquemos pelo estudo do intertexto bí-

blico, o sermão litúrgico é, sem dúvida, muito mais do que o seu tema bíblico. Se o levantamento feito nos revela uma relativa progressão ordenada dos acontecimentos bíblicos do antes, durante até à Ascensão de Cristo, o levantamento dos aspectos mais pertinentes do conteúdo colocam-nos perante algo bem mais complexo: cada sermão é uma complexa rede/tessitura bíblica cujos fios se entrecruzam e atam pelos nós do engenho de Vieira. Cada sermão é um constante vai-vem de prolepses e analepses bíblicas que não respeitam cronologias tranquilas: é por isso que podemos dizer que um sermão da Quaresma é já/ou pode ser um sermão da Páscoa e um sermão da Páscoa é ainda/ou pode ser um sermão da Quaresma (isto sem embargo de haver matéria bíblica adequada para cada período): assim se compreende que a Ressurreição esteja, desde logo, presente nos sermões da Cinza, tal como se compreende que encontremos um sermão cujo tema bíblico diga respeito à fase que antecede a morte de Cristo e, apesar disso, esteja situado entre os sermões da Ressurreição e o da Ascensão. A leitura dos sermões de Vieira destes dois períodos diz-nos que, entre a Quaresma e a Páscoa não há como se poderia imaginar uma simples sucessão - oposição MORTE - VIDA OUTRA. Notemos, para terminar, o que nos é dito num Directório Litúrgico: «A Páscoa, com efeito, não é a paixão seguida da Ressurreição, um mistério de sofrimento e de morte consumado e coroado por um mistério de vida e de glória. (...) A Páscoa é um único Mistério da Salvação que é indivisivelmente morte e vida, humilhação e glória, sofrimento e felicidade. A ressurreição de Cristo, com efeito, não é um simples complemento e uma recompensa da Sua Paixão. Ela é o seu fruto 'pela glória do Pai' (Rom., 6,4). A Vida brota da Morte, a redução do pecado enraíza no sofrimento que é a consequência do pecado. É pela Cruz que nós somos salvos e é nela que nós nos gloriamos» (op.cit., p.123).

II. Depois deste vasto quadro contextualizador do sermonário litúrgico de Vieira em que se pretendeu configurar

uma introdução ao estudo comparativo dos períodos da Quaresma e da Páscoa com os respectivos sermões, vamos agora passar ao estudo de dois sermões representativos dos períodos aludidos. Tratando-se de dois sermões cristológicos justifica-se plenamente este confronto final.

O primeiro texto que escolhemos intitula-se *Prática Espiritual da Crucificação do Senhor* e, segundo a edição Lello, foi feita no colégio da Companhia de Jesus, em São Luís de Maranhão (data desconhecida). Trata-se de um texto curto devido ao facto de estar incompleto. Segundo as notas da edição Lello, «(o) resto deste discurso não apareceu entre os papéis póstumos de Vieira, coleccionados pelo padre André de Barros», o qual intitulou este texto «Voz Compadecida».

A. O TEMA BÍBLICO ESCOLHIDO: «Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis».

O tema que Vieira foi buscar para a sua *Prática Espiritual* não é retirado, como é habitual, de nenhum dos Evangelhos, mas da Epístola de S. Paulo aos Filipenses, II, 8 (in Novo Testamento). Se procedermos (à maneira de Vieira) a uma divisão sintático-semântica da passagem transcrita, encontraremos a particularidade deste tema e o eixo estruturante deste texto. Temos assim, por um lado, a expressão «obediente até à morte» e, por outro, a expressão «morte de cruz». Ambas as expressões se prendem com o sentido da morte de Cristo, mas enquanto a primeira se prende com a questão da aceitação inquestionável de uma missão transcendente, a segunda tem a ver com o tipo e circunstâncias em que a morte ocorreu. Para além do título, o tema bíblico funciona como um dos primeiros indicadores do tipo de texto cristológico que temos pela frente: trata-se do Cristo (Deus enquanto homem) da Paixão e da Morte. O texto constitui um ponto de chegada⁽²⁹⁾ (do período quaresmal) esperado pela Igreja e comunidade cristã (note-se a abertura do texto: «Temos, enfim, cristãos, ao padecente Jesus no monte Calvário(...）」, p.37;

ou, mais adiante: «Pregado enfim na cruz o nosso amoroso a pacientíssimo Jesus(...)», p.44).

Antes de entrarmos no texto propriamente dito, importa chamar a atenção para o facto da sua estruturação se ressentir bastante da falta da parte final. A nossa análise-comentário, pelo facto de se colar à estruturação textual, reflectirá o problema da truncagem.

B. EXÓRDIO: A CHEGADA AO LOCAL DA MORTE: O MONTE CALVÁRIO

1) LUGAR DRAMÁTICO EM TERMOS "TEATRAIS", "BÉLICOS" E "RELIGIOSOS":

Vieira começa por definir o lugar da morte de Cristo do seguinte modo: «(...) este foi o lugar que aquele Senhor escolheu para teatro daquela tragédia, para campo daquela batalha, para templo daquele sacrificio» (p.37), especificando em seguida estes cenários com três situações bíblicas em que Cristo surge associado a três personagens bíblicas⁽³⁰⁾: «Para teatro daquela tragédia, em que Amã, o que tinha a maior graça de el-rei Assuero, havia de ser pregado na cruz que estava aparelhada para Mardoqueu⁽³¹⁾. Para campo daquela batalha, em que David com um báculo, e com cinco pedras, havia de derrubar o gigante, e cortar-lhe a cabeça com sua própria espada. Para templo daquele sacrificio, em que o inocente Isaac, depois de levar a lenha⁽³²⁾ às costas, havia de ser posto sobre ela para ser sacrificado por seu próprio pai; não por culpas, que as não tinha, mas por obediência(...)» (ib.).

A caracterização do lugar da morte enquanto lugar dramático nos termos aludidos, diz respeito não só à matéria de que se fala, mas também à forma como ela é transmitida: o texto de Vieira é um texto dramático não só em termos de representação de um drama, mas também em termos de estruturação textual dramático-teatral e bélico-religioso (luta entre o pecado e a pureza e instauração do monte enquanto símbolo cristão).

2) LUGAR CRUCIAL DA SIMBOLOGIA CRISTÃ

2.1. A oposição ANTES-DEPOIS: «Era o monte Calvário até este dia o mais infame lugar que havia no mundo; mas depois que se levantou nele aquela cruz, e aquele Crucificado, foi o mais glorioso, e o mais santo» (ib.). É de assinalar que o momento exacto da oposição temporal referida que instaura o símbolo cristão é o momento do levantar da Cruz/Crucificado, isto é, do movimento ascendente.

2.2. A importância/especificidade do MONTE CALVÁRIO resultante da comparação com os quatro montes «mais celebrados(...) que há no mundo»: «Os mais celebrados montes que há no mundo, é o monte Olimpo, o monte Sinai, o monte Tabor, e o monte Olivete. (Ou seja: um monte não-cristão, um monte do Antigo Testamento e dois do Novo Testamento: o primeiro da Transfiguração de Cristo e o segundo, da sua Ascensão) Do monte Olimpo criam fabulosamente os Antigos, que era a coluna que sustentava o Céu: e tal é verdadeiramente o monte Calvário porque se ele não fora, não houvera Céu para nós. (Note-se a oposição, já nossa conhecida, entre a CRENÇA FABULOSA DOS ANTIGOS e a VERDADE CRISTÃ; contudo, a ideia de verticalidade mística («coluna») permanece na articulação dos planos terrestre e celeste: a morte de Cristo é não só o prenúncio da sua reentrada no reino dos céus, como prepara a entrada dos homens). No monte Sinai deu Deus aos homens os dez preceitos da Lei; mas no monte Calvário se pagaram os pecados que se tinham cometido contra a mesma Lei, e se cometeram depois, e se cometerão até ao fim do mundo. (Veja-se a oposição entre a "descida da Lei" no ANTIGO TESTAMENTO e a "subida para a redenção dos pecados humanos" no NOVO TESTAMENTO). Do monte Olivete subiu Cristo ao Céu; mas no monte Calvário levantou a escada por onde nós também subissemos, que é a cruz em que hoje foi pregado. (Repare-se na oposição entre a ASCENSÃO DE CRISTO ENQUANTO GLÓRIA INDIVIDUAL e a ASCENSÃO DOS HOMENS ENQUANTO GLÓRIA COLECTIVA: a diferen-

ça que «vai de monte a monte», como diria Vieira, centra-se no mistério da CRUZ: atente-se na metáfora da ESCADA para designar a CRUZ). No monte Tabor mostrou Cristo a poucos a sua glória, mas no monte Calvário se pagou o preço dela, que foi o seu sangue, para que o gozásemos todos. (Note-se a oposição POUÇOS-TODOS e a oposição entre a manifestação de um MISTÉRIO GLORIOSO e a de um MISTÉRIO DOLOROSO)» p.38. Desta passagem importa ainda ressaltar a importância da simbologia dos números (aspecto de relevo também no Sermão da Ascensão): ao todo, Vieira fala-nos em 5 MONTES, mas este número é trabalhado/explorado de forma a isolar dois deles (1 gentio + 1 cristão, mas do Velho Testamento) e a juntar os outros três (os 3 MONTES DE CRISTO) - número da perfeição divina, ao qual se associa uma figura - o triângulo (forma do MONTE VERDADEIRO e da CRUZ DA VERDADE). Veremos adiante novas manifestações do número perfeito.

Para terminar a parte exordial do seu texto, Vieira começa por apelar à consideração do mistério de Cristo crucificado, enquanto forma de purificação para a salvação («Mas assim como Cristo crucificado transformou o Calvário, de monte infame e abominável, em monte venerável e santo, assim os nossos corações de lugares de abominação e torpeza, se transformarão em lugares de pureza e santidade, se nós pusermos hoje e fixarmos bem neles um Cristo crucificado», p.39 - problemática da TRANSFORMAÇÃO MISTERIOSA PELA CRUZ) para depois anunciar a matéria a tratar e os objectivos a atingir: «Mas vai ouvindo o que passa no Calvário, que ainda que sejas tão duro como as pedras dele, tu te abrandarás» (ib.).

C. DESENVOLVIMENTO: AS ETAPAS DA CRUCIFICAÇÃO (DESPIR, DEITAR, LEVANTAR, SUSPENSÃO, INCLINAÇÃO E MORTE).

O desenvolvimento da Prática de Vieira vai consistir em contar, à sua maneira, o episódio da crucificação de Cristo, se-

gundo um processo de **intensificação dramática**. Assim, através da exploração da dicotomia NASCIMENTO-MORTE DE CRISTO, o autor começa pelas circunstâncias de lugar e de tempo que caracterizam diferentemente tais acontecimentos extremos: «Para nascer escolheu o lugar pequeno, uma cova retirada, e o silêncio da meia-noite: para morrer escolheu uma cidade como a de Jerusalém, onde concorriam as nações de todo o mundo, para que todo o mundo soubesse suas afrontas: escolheu um monte alto e descoberto, onde de todas as partes, ao perto, e ao longe pudessem ser vistas: escolheu o tempo e a ocasião da Páscoa, em que se ajuntavam em Jerusalém as famílias de todo o reino, para que em todo se divulgassem: escolheu a hora do meio-dia, em que fossem mais claras, mais notórias, e mais patentes a todos» (pp.39-40). (Vejam-se as micro-dicotomias engendradas: PEQUENO-GRANDE; COVA RETIRADA-MONTE ALTO E DESCOBERTO; (MEIA)NOITE-(MEIO)DIA; note-se a NITIDEZ E LUMINOSIDADE QUE SALTAM À VISTA em termos de forma e conteúdo).

A narração dos acontecimentos imediatamente anteriores à morte na cruz, segue um processo de dramatização crescente, com a **presentificação-visualização** das cenas (repare-se no emprego do presente do indicativo do verbo «mandar», p.40): «Despido e com os olhos no chão o afrontadíssimo Jesus, mandam-lhe que se deite na cruz(...) (Vieira chama a atenção para a simbologia do número 3, pois esta foi a 3ª e última vez que Cristo se despiu; note-se o movimento descendente para a horizontalidade nesta passagem) Eterno Padre, já Isaac está deitado sobre a lenha(...) tenha-se mão no golpe, Senhor, suspenda-se. Mas aí, que já os algozes têm nas mãos os cravos! Já vejo levantar os martelos. Ai cristãos, que perdoou Deus a Isaac, e não se quer agora parecer consigo, nem perdoar a seu Filho! Execute-se o golpe, diz a Divina Justiça: preguem-se os pés, preguem-se as mãos, consume-se o sacrifício» (pp.40-41).

Um exemplo da intensificação deste processo é o da introdução, por parte de

Vieira, do testemunho pessoal de verificação de um «instrumento da paixão/morte de Cristo» como forma de conferir maior autenticidade/credibilidade à narração: «Um dos mesmos cravos com que foi crucificado Cristo, vi eu, e beijei: é da grossura quase de um dedo, e de comprimento pouco maior» (p.41) (Registe-se a importância atribuída ao conhecimento "experencial", baseado na VISÃO e no TACTO).

Segue-se a descrição do sofrimento de Cristo, anatomicamente pormenorizada: «Com estes cravos começaram a pregar primeiro a mão esquerda, depois a direita, ultimamente os pés, estirando aquele sagrado Corpo com tanta força e desumanidade, que se lhe contavam os ossos(...)». E como nestas partes extremas do corpo humano se ajuntavam e rematam os músculos e os nervos de todo ele, não se pode facilmente dizer quão excessivas foram as dores que o Senhor padeceu com tão cruéis, e tão repetidos golpes»(ib.).

Como já vimos no Sermão das Dores da Sacratíssima Virgem Maria e no Sermão na Madrugada da Ressurreição, há uma ligação íntima e indissociável entre Cristo e sua Mãe nos momentos da MORTE e RESSURREIÇÃO, que é aproveitada para o apelo à devoção da Virgem. Aquele encontramos de novo essa articulação entre o sofrimento de Cristo e o sofrimento (redobrado) de sua Mãe: «(as marteladas) muito maior eco faziam no coração da lastimada Mãe(...)» (ib.). A esta «dupla crucificação» (uma "real", outra metafórica), Vieira apela a que se lhe junte a de todos os cristãos: «Assim crucificavam juntamente a Mãe, os que crucificavam o Filho: e que justa cousa fora, cristãos, que nos crucificaram também a nós, e que todos nos crucificáramos aqui hoje com o nosso crucificado Jesus!» (apelo à participação no mistério da morte de Cristo). Nesta aceitação ou não-aceitação da crucificação se vê «os que são de Cristo» (os que se salvam) e «os que não são de Cristo» (os que estão em pecado e não se redimem, perder-se-ão): veja-se a associação dos «temores de Deus» à simbologia dos 3 cravos e a dos «algozes» aos "últimos fins do ho-

mem... «O primeiro cravo do temor de Deus prega-o um algoz, que se chama Pensamento da Morte: o segundo cravo do temor de Deus prega-o outro algoz, que se chama Pensamento do Juízo: o terceiro cravo do temor de Deus prega-o outro algoz, que se chama Pensamento do Inferno» (p.43). Note-se ainda a articulação da oposição PASSADO/PRESENTE VS. FUTURO com a oposição NÃO-CRER VS. CRER (na p.44): Cristo morre pela remissão dos "pecados passados e presentes" que, apesar de tudo, têm "desculpa": «Pai, perdoai a estes que me crucificam, porque não sabem o que fazem»; mas os "pecados futuros" (que «são os do nosso tempo» diz Vieira) não têm qualquer "desculpa": «Os que crucificaram a Cristo no monte Calvário, merecem perdão e têm desculpa, porque não sabiam o que faziam nem conheciam a quem crucificavam; mas quando crucificamos a Cristo com nossos pecados, não temos desculpa nenhuma, e somos totalmente indignos de perdão; porque cremos que Cristo é Deus, e cremos que morreu por nós, e cremos que nos há-de vir a julgar, e contudo crucificamo-lo» (p.44). Esta mudança de tempo e de crer/saber gera, em Vieira, uma certa representação de Deus - o Deus implacável do Novo Testamento, a qual irá contrastar com a imagem de Deus misericordioso do final do texto.

Retomando a narração da crucificação com o LEVANTAR e SÚSPENDER de Cristo na Cruz (novo encarecimento do sofrimento), Vieira vai estabelecer uma relação implícita entre este passo do episódio e o cenário do Paraíso terrestre. À árvore do pecado vai corresponder o «arvorar da cruz»; à fonte paradisíaca donde nasciam os quatro rios vai corresponder as «quatro chagas do corpo de Cristo»; ao primeiro Adão vai corresponder o «segundo Adão-Jesus» (v.p.45). (Ver ainda o simbolismo do baptismo como «lavagem purificadora»). Segue-se um retorno ao sofrimento de Cristo na Cruz («Ah, cristãos(...), p.46), desenvolvendo-se a narração com a crucificação dos dois ladrões (Atente-se na simbologia dos espaços: ESQUERDA-CENTRO-DIREITA; ver micro-dicotomias SOL-

-TREVAS, CRENTE-INCRÉDULOS, VER-NÃO VER), com a promessa de salvação ao ladrão arrependido (o do lado direito) e com o seu «testamento» a João («Mulher, eis aí o teu filho»/«Eis aí a tua Mãe»): ver as formas de tratamento da Mãe como «Mulher» e do Pai como «Deus meu», por parte do «filho pródigo», p.50; ver apelo à devoção da Virgem Maria, p.51.

Ao passar para o «cumprimento da última profecia da crucificação», Vieira faz a revisão de todos os tormentos da paixão: «Faltava só o fel e o vinagre para complemento dos tormentos da paixão do Senhor; porque todos os outros membros, todas as outras potências e sentidos, tinham padecido seu tormento particular, só o sentido do gosto não. A cabeça estava atormentada com a coroa; as mãos e pés com os cravos; os ombros com a cruz; as costas com os açoutes; os cabelos arrancados; a pele estava esfolada; as veias rasgadas; os nervos estirados; os ossos desconjuntados; o sangue derramado; a vida tinha padecido os tormentos na honra com as afrontas; a fazenda nos vestidos, que era tudo o que possuía; a memória padecia na lembrança dos pecados; o entendimento na consideração das tiranias presentes; a vontade na dor das ingratidões futuras; os olhos tinham padecido na vista da desconsolada Mãe; os ouvidos nas invejas e blasfémias; o olfacto no cheiro dos horrores e corrupção do Calvário; o tacto nas penas de todo o corpo: só faltava tormento particular para o gosto, que foi o fel e vinagre; e neste se consumaram todos os tormentos: 'Consummatum est'» (p.52). A morte de Cristo surge como «exemplo para nos ensinar a morrer cristamente», isto é, «acabando antes de morrer» (ver *Sermões da Cinza*). Antes do 'último suspiro', contudo, Vieira detém-se no último movimento de Cristo (o inclinar da cabeça) para daí retirar a derradeira imagem de Deus-homem na terra: a imagem do Deus misericordioso (v.p.53).

O segundo texto que escolhemos intitula-se *Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso* e foi pregado em Lisboa, na paróquia de São Julião (em data desconhecida). Trata-se de um sermão longo,

embora um dos mais interessantes do sermão litúrgico de Vieira, quer pelo seu carácter poético-engenhoso quer pelas questões religiosas tratadas.

A. O TEMA BÍBLICO ESCOLHIDO:

«Et Dominus quidem Jesus, postquam loquutus est eis, assumptus est in Coelum, et sedet a dextris Dei»

Antes de entrar no texto do sermão, importa salientar o facto de que, dos quatro Evangelhos, só o de Lucas e o de Marcos se referem à Ascensão (os outros ficam-se, em termos histórico-cronológicos, pelas Aparições). O esclarecimento da(s) razão(ões) que levaram Vieira à escolha da passagem de Marcos e não da de Lucas (embora mínima, não deixa de haver variação), não pode ir além de duas hipóteses que se conjugam:

a) pelo facto da passagem de Marcos ser mais explícita e completa;

b) pelo facto de tal escolha se prender com a estratégia interpretativa adoptada pelo autor.

Mas se João e Mateus não referem o episódio da Ascensão e se, entre Lucas e Marcos, não existem questões polémicas, isso não significa que não se levantem problemas interpretativos importantes, merecedores do nosso registo.

A questão central, originadora das divergências, diz respeito ao momento em que se deu a Ascensão: nos Evangelhos ela parece dar-se muito próxima da Ressurreição (para Lucas a Ascensão ter-se-á verificado no próprio dia da Ressurreição e da única Aparição no Cenáculo); nos Actos afirma-se, entretanto, que entre os dois acontecimentos haveria um intervalo de 40 dias. A.M. Roguet responde a esta «aparente incompatibilidade» com a distinção de dois pontos de vista: «(...) do ponto de vista de Jesus (a Ascensão) coincide com a Ressurreição(...); do ponto de vista dos discípulos (ela só se verifica), quando Jesus deixa definitivamente de se lhes manifestar, para que o Espírito lhes seja enviado e se inicie o tempo da Igreja»⁽³³⁾. Ainda segundo este autor, a contradição só existiria se só se tivesse em conta a interpreta-

ção literal da Escritura e não o seu significado religioso.

Provavelmente ligado ao problema exposto anda um outro que se baseia na distinção entre o **facto histórico** da Ascensão e o **facto dogmático** da Ascensão. A incerteza quanto ao momento da Ascensão prender-se-ia com o facto de se pôr a tónica ora no facto histórico ora no facto dogmático. Neste último caso, o que importa é o mistério de exaltação celeste de Cristo, logo após a Ressurreição. Com o facto histórico, isto é, a Ascensão visível de que nos fala Lucas nos Actos (a parte secundária do mistério, do ponto de vista religioso) estamos do lado dos Discípulos, cujo último contacto com Cristo foi ao fim dos tais 40 dias.

E no sermão de Vieira? A resposta a esta questão surge logo na primeira página em nota de rodapé (da autoria do Padre Gonçalo Alves): trata-se de um «Sermão dogmático», isto é, «versando directamente o mistério, o dogma(...)» (ed. Lello, vol.V, p.331). A questão que colocamos então é a seguinte: será que versar directamente o dogma implica não ter em conta o

facto histórico? Vamos ao sermão para ver como as coisas se passam realmente.

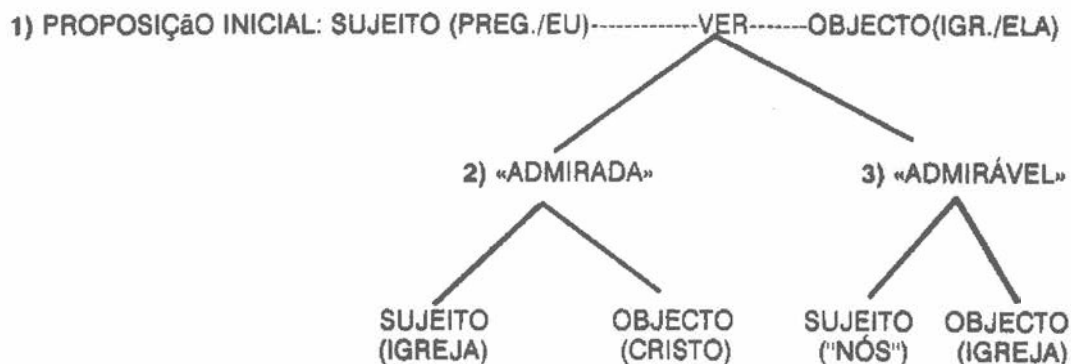
B. EXÓRDIO: INÍCIO DO SERMÃO ATRAVÉS DE UMA PROPOSIÇÃO QUE PÔE EM RELAÇÃO UM SUJEITO E UM OBJECTO: «Admirada e admirável vejo hoje a Igreja Católica».

Esta relação é sustentada pelo verbo VER:

SUJEITO (Pregador; "Eu").....**VER**.....**OBJECTO** (Igr.Católica).

Desta relação sensorial (visual) resulta uma caracterização do objecto através de duas formas adjectivas: «ADMIRADA» e «ADMIRÁVEL». Esta subtil distinção adjectival permite equacionar duas relações estruturantes: através do primeiro adjectivo (verbal), o objecto da relação dominante (acima esquematizada) torna-se sujeito da relação dominada, i.e., a relação **IGREJA-CRISTO** (ver esquema abaixo); através do segundo adjectivo, o objecto da relação dominante mantém-se objecto, mas de um outro sujeito, na relação **IGREJA-FIÉIS** ("Nós" = Pregador + Ouvintes).

Esquemáticamente temos então:



Há como que duas formas do pregador VER a Igreja: uma forma exterior («Admirável») e uma forma interior («Admirada»). Isto é possível porque Vieira enquanto pregador se assume como sujeito duplo: sujeito plural ("Nós") _____ FIÉIS) e sujeito singular ("Eu") _____ parte integrante da Igreja). Este último sujeito que é a forma inte-

rior de ver a Igreja confere a esta o estatuto de "sujeito de admiração" (relação IGREJA-CRISTO).

A distinção adjectival responsável pelas duas sub-relações referidas tem uma função estruturante do discurso: «Estas duas admirações, uma sua (da Igreja), e outra nossa, serão as duas partes do pre-

sente discurso» (divisão da matéria). Mas a ADMIRAÇÃO surge também definida por Vieira como princípio filosófico e gnoseológico norteador do seu discurso: «Como filha da ignorância, me ensinará a mesma admiração a perguntar; e como mãe da ciência, a responder, posto que tão alta seja a segunda parte, como profunda a primeira» (p.332).

De salientar ainda que a relação dominante expressa na frase introdutória surge condicionada/contextualizada pelo advérbio de tempo «hoje» (variantes posteriores: «neste dia», «no dia deste apartamento»). Trata-se do dia em que se comemora a Ascensão de Cristo. Este elemento condicionador/contextualizador gera, no interior do sistema de relações indicado, uma rede de oposições (verbais e nominais) comandada pela DICOTOMIA ESTRUTURANTE SUBIR-DESCER. São elas: vir de - tornar para ficar - apartar; presença-ausência; Céu-Terra. Chegados aqui, o exórdio, remata com o pedido da Graça divina e com uma Ave Maria (como de resto é habitual no sermão de Vieira).

C1. DESENVOLVIMENTO: 1ª PARTE (A ADMIRAÇÃO DA IGREJA PERANTE O MISTÉRIO DA ASCENSÃO): MOMENTO INTERROGATIVO.

O pregador começa por se interrogar sobre a razão por que a Igreja Católica «entre todos os mistérios sagrados da vida, da morte, e da ressurreição de Cristo (...) só ao mistério da Ascensão dê o nome de admirável(...)». Tal interrogação estratégica dá azo a uma exposição sobre «o conceito incompreensível de admirável» que se aplica a «Cristo não só em sua soberana Pessoa divina e humana, mas em todas suas prerrogativas, em todos seus atributos, e em todas suas acções e mistérios (...)». Torna-se oportuno salientar a importância que neste sermão assume o problema dos nomes de Cristo enquanto visão teológica transmitida. Aqui começamos por registar o conceito de admirável (isto é, misterioso) que, segundo Vieira, caracteriza Cristo (em todas as suas dimensões) em termos «literais, naturais e

próprios». «Os nomes de Cristo na Escritura Sagrada são muitos: uns próprios, outros apelativos; uns naturais, outros metafóricos; uns místicos, outros literais: mas este de admirável, fundado em suas acções, é tão literal, tão natural, e tão próprio, que muitos séculos antes de se chamar Jesus, já se chamava o Admirável» (p.333). O nome de «admirável» enquanto nome literal (a melhor interpretação bíblica é a literal) suplanta o nome próprio de «Jesus». Mas adiante surgirá outra designação privilegiada - a de «Senhor». Ambas (a de admirável e a de Senhor) transcendem o «nome ordinário de Jesus». Tal transcendência prende-se com o tratamento da figura de Cristo neste sermão: é o Cristo-glorioso da Ascensão que domina e não a imagem dolorosa do filho de Maria (Jesus). Neste sentido se deve entender o respeito-título deste sermão: **Sermão da Ascensão de Cristo Senhor Nosso** (note-se a acumulação de dois nomes que implicam o sentido de DIVINDADE: «Cristo» e «Senhor Nosso»).

Este primeiro momento (interrogativo) prolonga-se ainda com a enumeração dos principais mistérios «admiráveis» de Cristo: o mistério da Encarnação; o do Nascimento; os 2 mistérios do Templo; o das glórias do Tabor; o das ressurreições dos mortos; o do pisar os mares; o do imperar os ventos; o da humildade; quando chegamos aos mistérios da paixão e morte, a admiração atinge um momento alto convertendo-se em pasmo (surge então, em catadupa, os paradoxos «alegria triste», «riqueza despida», «formosura afeada», «omnipotência presa», «justiça condenada», «vida morta», «Deus vencido» opostos ao «amor triunfante» de Deus, ver p.335). Mas a comparação entre o mistério da Ascensão e o do Sacramento (DICOTOMIA SUBIR-DESCER) assume uma importância especial: «Que comparação tem logo o mistério da vossa subida ao Céu, em que nos deixais, com o mistério desse Sacramento em que vos deixastes?» (p.335). Esta comparação é posta em termos do conhecimento possível destes mistérios. Em primeiro lugar estabelece-se a semelhança: «Quando Cristo começou a subir,

viram-no os Apóstolos levantar-se pelo ar: 'Videntibus illis elevatus est': e diz o Texto Sagrado, que entre eles e o Senhor se atravessou uma nuvem que Iho tirou dos olhos: 'Et nubes suscepit eum ab oculis eorum'. (Note-se o recurso ao facto histórico dos Actos, isto é, à Ascensão visível, para chamar a atenção para a limitação do conhecimento sensorial (visível) do mistério). Assim, pois, como aos Apóstolos no mistério da Ascensão Ihes tirou a Cristo dos olhos uma nuvem, assim a nós no mistério do Sacramento, no-la tira também dos olhos outra nuvem, que é a dos acidentes que o encobrem. Mas se a fé rasgar essa nuvem, e o lume da mesma fé nos mostrar o que passa lá dentro (ou não passa, porque não tem, nem pode ter mudança) claramente veremos quanta diferença val de admirável a admirável em um e outro mistério» (pp.335-336). Como vemos, a semelhança entre os dois mistérios está no facto de se tratarem de MISTÉRIOS, o que significa que não podem ser conhecidos pela razão natural (assente na filosofia do ver), mas tão só pelo único instrumento de conhecimento dado pela razão divina aos homens, isto é, a FÉ. Só esta pode ultrapassar o obstáculo de conhecimento (v.metáfora da «nuvem») e penetrar na verdade divina da eternidade (v.metáfora do alumiar o interior que não muda). Seguindo esta via do CONHECIMENTO DAS COISAS DIVINAS, Vieira encontra a diferença entre os dois mistérios: «E sendo tantos os milagres que no mistério do Sacramento estão encerrados, se pelo contrário considerarmos o mistério da Ascensão, acharemos que não interveio nele milagre algum» (p.336). Segue-se então a definição da noção de milagre em contraposição com a natureza do mistério da Ascensão, a qual pode ser concebida pela IMAGINAÇÃO: «Se Cristo subira ao Céu enquanto esteve em carne mortal e passível, então fora milagre que contra o peso natural que inclinava o corpo para a Terra, voasse o mesmo corpo ao Céu: porém depois de ressuscitado com os quatro dotes dos corpos gloriosos, assim como com o dote da subtilidade penetrou a pedra da sepultura, assim com o da agilidade se levantou natural-

mente no ar, e subiu tão facilmente ao Céu, como nós o podemos fazer com o pensamento» (ib.).

C2. DESENVOLVIMENTO: 1ª PARTE (A ADMIRAÇÃO DA IGREJA PERANTE O MISTÉRIO DA ASCENSÃO): MOMENTO DA 1ª RESPOSTA ("FALSA").

O segundo momento da 1ª PARTE constitui a primeira resposta de Vieira à questão inicial. Apesar de se vir a revelar falsa, ela permite uma primeira reflexão sobre o sentido da DESCIDA-SUBIDA DE CRISTO, adoptando o autor o ponto de vista da Igreja.

A primeira razão que Vieira encontra para explicar a ADMIRAÇÃO DA IGREJA é a seguinte: «(...) porque sendo tão grandes e admiráveis as cousas que o mesmo Senhor obrou por amor de nós na Terra, muito mais admirável caso é, (...) que no fim nos deixasse a nós, e a mesma Terra, e se fosse para o Céu».

O exemplo confirmador desta «razão» (o caso do amor de Jacob por Raquel) introduz o tipo de relação que se estabelece entre a IGREJA e CRISTO: trata-se de uma relação de tipo amoroso (ESPOSA-ESPOSO). O tratamento desta relação tem em conta dois momentos - o DESCER DO CÉU PARA A TERRA e o SUBIR DA TERRA PARA O CÉU. Se o primeiro momento é motivo de regozijo para a IGREJA-ESPOSA porque é o momento de união entre os que se amam, o segundo é motivo de lamentação por parte da mesma IGREJA-ESPOSA, pois é o momento de apartamento e de ausência do Outro. Diz a IGREJA: «Mas que importa (...) que então por amor de mim descesse do Céu até o mais baixo da escada, se agora torna para lá, e voa sem ela? Que importa que deixasse o Céu por amor de mim, se agora me deixa a mim por amor do Céu? Lembra-me de quanto Ihe custei em toda a vida: quantos destellos, quantas peregrinações, quantos trabalhos, quantos desvelos, quantos enganos, quantas ingratidões, quantas Injúrias, quantas tristezas, penas e dores padeceu por meu amor: mas enfim, parece que se cansou de tão trabalhoso amor,

pois se vai descansar à sua pátria, assentado ao lado de seu Pai(...). É verdade que naquele altar tenho guardada uma prenda, em que seu amor me deixou a memória de todas as maravilhas que fez por mim(...) mas se quando me deixou a memória, me levou a presença, que direi? Se não foi arrependimento das mesmas finezas, esquecimento parece de mim e delas(...). Do monte Olivete se partiu, tirando-se de meus olhos com uma nuvem, como se não fora o mesmo que noutro monte deu por mim o sangue e a vida. Oh Olivete! Oh Calvário! Mas que importa que então me visse tão amada no Calvário, se agora me vejo deixada no Olivete?» (p.338).

A tese de que a ADMIRAÇÃO resulta da "ingratidão" de Cristo (que «desandou o andado/desfez o feito») engendra uma figura geométrica - o círculo (da Encarnação à Ascensão): veja-se o paralelismo estabelecido entre a «escada dos nove degraus» por onde Cristo desceu à Terra (p.338) e o «relógio de Acáz formado nas escadas do tempo (de dez degraus)» baseada na associação habitual SOL/DEUS; veja-se a articulação entre o discurso da geometria e o da astronomia: «A roda, quando dá a volta inteira, quanto fez com o meio círculo do primeiro movimento, tanto desfaz com o segundo. Por isso o Sol, quando se precipita do zénite ao acaso, parece que deixa aquele lugar sumo que tem no Céu, mas com o segundo meio círculo tudo o que fez no dia de ontem, desfaz no de hoje, tornando a se repor no mesmo lugar» (p.340).

C3. DESENVOLVIMENTO: 1ª PARTE (A ADMIRAÇÃO DA IGREJA PERANTE O MISTÉRIO DA ASCENSÃO): MOMENTO DA IIª RESPOSTA ("VERDADEIRA").

O terceiro momento da 1ª PARTE constitui o momento da "resposta verdadeira" à questão inicial (acerca das razões da ADMIRAÇÃO). De que VERDADE se trata então?

Baseado num texto de S. Paulo, em que afirma o carácter divino do «Filho do Homem» («O que subiu e quando subiu, é

o mesmo que desceu e quando desceu»), Vieira recusa a tese apresentada anteriormente (a da SUBIDA COMO NEGAÇÃO DA DESCIDA) e defende a ideia de que a SUBIDA antes foi «adiantar os passos(...) aperfeiçoar a obra(...) apurar e afinar mais os extremos do seu amor» (p.343), ou seja, a SUBIDA COMO APERFEIÇOAMENTO DA DESCIDA.

A especificação da argumentação centra-se no episódio da Ascensão que Vieira vai contar/mostrar segundo um processo gradual ascendente (ADMIRAÇÃO - - PASMO).

1. O EPISÓDIO DA ASCENSÃO (v.pp.343-356).

1.1. A SUBIDA AO CUME DO MONTE OLIVETE

O lugar escolhido para a Ascensão não é um lugar qualquer, mas o ponto mais alto da TERRA (ver oposição MONTE-VALE), isto é, o LUGAR FRONTEIRA ENTRE A TERRA E O CÉU (o «NON PLUS ULTRA»). À tese do círculo (figura que se associa mais ao homem do que a Deus: ver Sermões da Cinza), Vieira contrapõe a tese do triângulo (isósceles) - forma do MONTE MAIS ALTO - (em que o vértice superior designa o elemento divino e a base, o elemento humano), abrindo assim um espaço de visualização de planos imaginários (verticais e horizontais): v.p.343.

1.2. O ÚLTIMO PASSO DIVINO E O PROBLEMA DA «SUSPENSÃO» DE CRISTO.

Antes da Ascensão propriamente dita, Vieira chama a atenção para as pegadas de Cristo marcadas na pedra do monte Olivete. Estas marcas (o «non plus ultra do amor de Cristo pelos homens») são o resultado de um dramático jogo de forças ascendentes e descendentes «a que não puderam resistir as mesmas pedras». De que jogo se trata? Do lado da força descendente temos o grande amor de Cristo pelos homens e o «olhar que prende» dos Discípulos; do lado da força ascendente levanta-se um problema: por um lado Vieira diz-nos que a «humanidade do Filho de Deus(...) fez (grande «violência/força») a si mesma para se despegar de nós», pressupondo-se um princípio activo em Cristo;

por outro, Vieira, apoiando-se na concordância dos Evangelhos, diz que «todos os movimentos do nosso amoroso Peregrino nesta sua jornada foram passivos» (p.345). Esta questão é interessante porque chama a atenção para o conflito entre a parte humana e a parte divina de Cristo (postas num plano de igualdade). É este conflito o responsável pelo impedimento, não só da DESCIDA, mas também da SUBIDA VERTICAL DO "CRISTO-NAU-ÁGUIA" (apesar do dote glorioso da «agilidade»): note-se o exemplo da navegação: «Que sucede ao baxel, que sai do porto forcejando contra vento? Um bordo o leva para o levante, outro para o poente, um para o norte, outro para o sul, sem se poder apartar da terra. Assim se não podia apartar o nosso divino amante, porque nos deixava nela. Um voo o levava para o oriente, outro o levava para o ocaso, sem lhe consentir a força do afecto, que seguisse a derrota do Céu (posto que do Céu em direitura» (p.346); note-se o exemplo ornitológico tirado de Plínio: «A natureza das asas da águia é tal (...) que só ela pode voar directamente para cima(...). As outras aves, para voarem para cima, é necessário que façam diferentes ângulos ou giros, como navegando aos bordos; porém a águia, como rainha e senhora do seu elemento só ela, como a nau com vento de popa, pode subir e navegar pelo ar em direitura» (ib.).

A resolução de tal CONFLITO fica-se a dever à intervenção dos Anjos (plano celeste) que cortam os elos de ligação com os homens, interpondo entre estes e Cristo uma «nuvem» (ver associação CRISTO/SOL e IGREJA/LUA na questão do «eclipse» como desfecho, pp.347-348; ver a SUBIDA NUM "PISCAR DE OLHOS" DEPOIS DA INTERVENÇÃO DOS ANJOS, p.349).

1.3. O DOTE GLORIOSO DA «IMPASSIBILIDADE» OU O NÃO-SOFRIMENTO/SOFRIMENTO DE CRISTO.

Fazendo corresponder os 3 primeiros dotes gloriosos (a «claridade»; «subtileza»; «agilidade» e «impassibilidade») aos 3 primeiros mistérios gloriosos de Cristo

(«transfiguração», «saída da sepultura/entrada no Cenáculo com as portas cerradas», «segunda parte da subida, que foi das nuvens que o encobriam até ao Empíreo em que se assentou à dextra do Padre»), Vieira detém-se na justificação da correspondência entre o quarto dote (o da «impassibilidade») e o duplo mistério da ressurreição-ascensão: «É como o mistério e modo da ressurreição era ordenado ao dia e acto da ascensão, não só foi conveniente, mas necessário ao (seu) amor o dote da impassibilidade, e o estado de Impassível naquele dia e naquele acto: porquê? Não porque havia de subir ao Padre, mas porque se havia de apartar dos homens. O dote da impassibilidade, e o seu efeito, é uma isenção total de padecer, ou poder padecer; e era cousa tão dura e insofribel para o amor de Cristo haver de se apartar de nós, que lhe foi necessário pôr-se primeiro em estado de não poder padecer, para se reduzir a estado de se poder apartar», p.351. (Note-se, no entanto, que na vida, paixão e morte o corpo de Cristo estava «passível», i.e., exposto ao sofrimento: «Assim provou que para o seu amor, o morrer era sofrível; o apartar-se intolerável», pp.351-352).

Mas Vieira não se fica por aqui no encarecimento hiperbólico da Ascensão. Segundo o autor, o dote glorioso da «impassibilidade» não deixa de haver lugar para o SOFRIMENTO e a DOR (ver TEOLOGIA VS. FACTO HISTÓRICO, p.353; ver a dor no Deus enquanto Deus e a dor no Deus homem, pp.353-354; ver confirmação da DOR/SOFRIMENTO no mistério do Sacramento - exposto no momento da pregação deste sermão, p.354; ver prova na «história mais trágica(...) do mundo» do sacrifício de Isaac pelo seu pai Abrão, pp.354-355; ver significado sacramental da hóstia - símbolo do sacrifício de Cristo pelos homens, p.355).

Chegados aqui, entramos na FASE DE TRANSIÇÃO DA Iª PARA A IIª PARTE (pp.356-361). Nesta fase, Vieira depois de recapitular resumidamente as razões que levaram a IGREJA a atribuir ao mistério da Ascensão a designação de ADMIRÁVEL -

«Não admirável por, depois de ter feito tantas finezas por nós, hoje as desfazer deixando-nos, como ao princípio se representava: mas admirável por se despedir da Terra no cume de um monte, que é o fim onde ela se despede de si mesma: mas admirável por deixar impressa e esculpida nas pedras a estampa do último passo com que se partia: mas admirável pelos vagares e rodeios, com que saindo deste único porto das suas saudades, não acabava de tomar a derrota do Céu em direitura: mas admirável por se não poder desprender das cadeias de nossos olhos, que como remoras o detinham: mas admirável por se reduzir a estado de Impassível, para sofrer de algum modo o ausentar-se de nós: mas admirável e mais admirável, finalmente, por nessa mesma impassibilidade não poder seu coração resistir o sentimento, e nem isentar-se da dor», p.357.

coloca a seguinte questão:

«Pergunto: Se Cristo, Senhor nosso, tanto sentia, e seu amor se doía tanto de se apartar e ausentar de nós, porque se ausentou?»(ib.).

A resposta do autor é a que vem expressa na palavra divina: «Aparto-me de vós e vou-me para o Céu, porque a vós vos importa que eu me vá» (pp.357-358). Para ilustrar a vitória da «nossa conveniência» sobre o «amor do próprio Cristo», Vieira põe lado a lado, o mistério da paixão/morte e o mistério da Ascensão, tal como já o fizera no Sermão da Crucificação, só que agora a tónica é posta na ASCENSÃO no MONTE OLIVETE: «E posto que comumente se cuida que o excesso se entende do monte Calvário, onde Cristo morreu por nós, três grandes razões persuadem que não foi senão do monte Olivete, donde se ausentou de nós. Primeira, porque Cristo(...) estava glorioso, e era mais conveniente àquele estado a prática do Olivete, donde subi à Glória. Segunda, porque a palavra excessum no seu próprio e natural sentido significa partida e apartamento; e dali se apartou o Senhor de nós, e se partiu para o Céu. Terceira, porque este excesso havia de ser o complemento de suas acções(...) e o complemento de todas as

acções de Cristo não podia ser outra senão a última, que foi a sua ascensão»(p.359).

C4. DESENVOLVIMENTO: IIª PARTE (A IGREJA ADMIRÁVEL NA COMEMORAÇÃO DA ASCENSÃO).

A IIª PARTE, visivelmente mais curta que a Iª, consiste numa reflexão sobre a comemoração do dia da Ascensão e, por extensão, do período pascal. Assim, Vieira começa por estranhar tudo o que vê e ouve no dia em que a «Esposa» soleniza a PARTIDA/AUSÊNCIA ETERNA do «Esposo»: «Tudo o que vejo e ouço em vós hoje, não só me parece alheio, senão contrário às obrigações deste dia. O que vejo são os altares ricamente paramentados, as paredes vestidas de ouro e seda, o pavimento juncado de flores, e até o tecto chovendo rosas: o que ouço são contínuos repiques das vossas torres, músicas de vozes, e ruídos de instrumentos nos vossos coros, com tanta novidade na harmonia das solfas, como nos pensamentos das letras: tudo enfim demonstrações de aplauso, de alegria, de festa» (pp.361-362). Mas logo adiante se justifica este procedimento da Igreja, baseando-se no exemplo de Cristo: «Em que foi admirável Cristo neste dia da sua ascensão? Foi admirável em se ir para o Céu, deixando a Esposa que tanto amava. E em que foi admirável neste mesmo dia a mesma Esposa, que é a Igreja, e somos nós? É admirável em celebrar, e celebrarmos com festas esta mesma ida de Cristo, e sua ausência. Porquê? Porque só desta maneira podia corresponder o nosso amor ao seu amor, e pagar a nossa fineza à sua fineza. Notai. A fineza do amor de Cristo hoje, consistiu em antepor as nossas conveniências aos seus desejos; e a fineza do nosso amor neste mesmo dia, consiste em antepor as suas glórias às nossas saudades» (p.363).

Para melhor concretização do sentido desta «troca de finezas» entre Cristo e a Igreja, Vieira retoma o episódio da Ascensão («naquele monte, e naquela hora, em que se representou a tragédia da mais lastimosa despedida», p.364), para chamar a atenção para a ausência de lágrimas

e para os «olhos enxutos e abertos» dos Discípulos. A razão disso, diz o pregador, é «porque olhavam para (Cristo) e para o Céu, aonde subia; e não para si, nem para a Terra, onde os deixava(...) porque se o verem que se ia Cristo os podia entristecer, só o olharem para onde ia, os podia alegrar», p.365 (ver o «quo vadis» de depois da última Celta; ver dicotomia AMOR PRÓPRIO-AMOR VERDADEIRO E FINO; ver oposição entre os pares ADÃO/EVA - CRISTO/IGREJA, p.372-373).

D. REMATE FINAL: APELO À PREPARAÇÃO DA NOSSA ASCENSÃO SEGUINDO O EXEMPLO DE CRISTO E À COMEMORAÇÃO ALEGRE DO SEU DIA DE ASCENSÃO (Note-se que o APELO FINAL DE VIEIRA alia o Júbilo pela glória/triunfo do Senhor à ameaça divina aos que não estão preparados para a SUBIDA - ver a SUBIDA DO VALE AO MONTE e a «TERRÍVEL ESCADA DE JACOB», p.374).

Dados os condicionalismos, como diria Vieira, «parece que se não pode passar daqui». Os objectivos gerais pretendidos com este trabalho foram os de delinear uma introdução ao sermónário litúrgico de Vieira, o que implicou uma iniciação ao estudo dos textos bíblicos e uma iniciação ao estudo do tratamento da matéria bíblica nos sermões. Apesar de pensarmos que os objectivos referidos foram, de alguma forma, conseguidos, consideramos que o estudo é para ser continuado, reformulado e melhorado.

NOTAS:

1 - VIEIRA, P. António, *Sermões*, Lello e Irmão Editores, Porto, 1959, vol.XV, pp.445-452.

2 - Op. cit., vol.I, p.XXXI.

3 - O único sermão deste bloco cujo título não é de natureza litúrgica é o sermão do Demónio Mudo. Por outro lado há alguns sermões com títulos litúrgicos cujo conteúdo não o é assim tanto.

4 - Nome litúrgico pertencente ao Tempo Comum.

5 - Entre os sermões da Epifania e os da Quaresma encontra-se o Sermão das Quarenta Horas, onde se explica a instituição das «quarenta horas» para o período profano do Carnaval (instituição essa que, segundo Vieira, é da responsabilidade dos Jesuítas).

6 - Os 42 sermões quaresmais resultam da soma de três sub-grupos de sermões: o dos sermões das Cinzas (3), o dos sermões da quaresma em sentido restrito (27) e o dos sermões da Semana Santa (12).

7 - Ao período Pós-Pentecostes estão ligados os 6 Sermões do Santíssimo Sacramento.

O S.S. celebra-se em duas ocasiões: na Quinta-feira Santa e em Dia de Corpo de Deus (período Pós-Pentecostes: ver 2º sermão do S. Sacramento). Este segundo caso insere-se numa tradição litúrgica que parece remontar ao século XIII (segundo informação do P. César).

8 - Os sermões de Pentecostes (descida do Espírito Santo que marca o início do tempo da Igreja), são realmente poucos neste bloco; contudo, isso não significa que Vieira não relacione Pentecostes com outro tipo de sermões que estão fora do âmbito do nosso estudo.

9 - Conforme se considerem ou não os três dias que medeiam entre a morte de Cristo e a sua ressurreição.

10 - Notem-se as metáforas do «encobrir/esconder a imagem de Cristo» e do «eclipse do sol divino» respeitantes à MORTE DE CRISTO. Estabelece-se, deste modo, uma estreita ligação entre a ideia de MORTE e a ideia de AUSÊNCIA (enquanto DESAPARECIMENTO DA VISÃO/DOS OLHOS), responsável pelo «maior assombro e santo horror» de que fala Vieira.

11 - Ver o Deus Jano: o de duas e o de três cabeças.

12 - Das nossas leituras de sermónário geral de Vieira constatámos a existência de um difuso discurso da física (veja-se, por exemplo aqui, a noção de gravidade ou, em vários outros sermões, a referência à noção de átomo). Não sendo aqui

o lugar oportuno para o aprofundamento deste e de outros tipos discursivos, deixamos, no entanto, no ar, esta hipótese de trabalho (quem sabe se frutuosa).

13 - Veja-se o shakespeariano confronto VIDA-MORTE relacionado com o lugar da pregação: «Um homem pode-se ver na caveira de outro homem: a cabeça do mundo não se podia ver senão na sua própria caveira. Que é Roma levantada? A cabeça do mundo. Que é Roma caída? A caveira do mundo», p.180.

14 - Isto é, em Roma, Igreja de Santo António dos Portugueses, 1672.

15 - «Triaga» ou «Teriaga»: remédio caseiro que se supunha eficaz contra a mordedura de animais venenosos. (Silva, A. de Moraes, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, vol.V, Horizonte Confluência, 1980).

16 - Contrastando com posições "anti-feministas" assumidas noutros sermões.

17 - «Todos dizem e confessam, que este é o mais rigoroso preceito da lei evangélica, e esta a mais árdua e difícil empresa da religião cristã», vol.II, p.281.

18 - Note-se a importância atribuída pelo pregador jesuíta à adequação didático-pedagógica da matéria litúrgico-bíblica ao vasto auditório cristão.

19 - Ver aqui toda a encenação do confronto entre VIEIRA e o DEMÓNIO.

20 - Isto é, o CRISTO DA PAIXÃO-MORTE.

21 - A meditação quaresmal surge aqui como um processo de SOFRIMENTO PARA DENTRO.

22 - Adiante veremos outro caso fornecido por Vieira acerca do «paradoxo português».

23 - Embora se encontrem diversas referências aos MONTES BÍBLICOS disseminados por vários sermões (da Quaresma e Páscoa), só agora surgem em tema bíblico. Os diversos MONTES BÍBLICOS estão associados a momentos bíblicos fundamentais em que são postos em relação (de uma forma ou de outra) o plano terrestre/humano e o plano celeste/divino.

Ora, tendo nós já constatado nos sermões de Vieira a fulcral importância de

toda uma simbólica dos espaços (ver 1ª ref. ao discurso da geometria com a figura do círculo), importa não deixar passar despercebida mais uma figura engendrada (cujas potencialidades serão melhor exploradas com a Ascensão) - o triângulo (forma do MONTE): ver relações entre o vértice (divino) e a base (humana).

24 - Percebemos agora a razão estratégica da escolha para tema da passagem de Mateus: confronto com os outros dois evangelistas.

25 - Note-se a importância do equilíbrio estrutural entre as sequências da Quaresma e da Páscoa a patente nesta correspondência da relação MÃE-FILHO (antes e depois da Ressurreição).

26 - O primeiro sermão relaciona a história evangélica (referida no tema de Lucas) com a história política, social e económica do contexto português pós-restauração. (ver a dupla função de HISTORIADOR e PREGADOR assumida pelo autor: a problemática da articulação entre a VERDADE HUMANA e a VERDADE DIVINA); ver o binómio VER-OUVIR, 197; ver problemática dos nomes de Cristo: aqui a metáfora náutica do timoneiro divino, p.197; ver discurso da astronomia no fim da pág.207 e princípio da 208; ver dicotomias engendradas - ex: OLHOS VS. ENTENDIMENTO, p.213).

O segundo articula a história evangélica referida por Lucas no tema com o contexto político, económico e social vivido no Brasil de 1656 (em que se perderam as esperanças das Minas): ver problemática «Vieira brasileiro, Vieira português, Vieira pregador Jesuíta»; ver o tratamento inusitado das dicotomias INTERIOR-EXTERIOR, PROFUNDO-SUPERFICIAL (valorização dos segundos termos em detrimento dos primeiros) relacionadas com a questão das MINAS. O terceiro e último sermão (de cariz político-social) assume um especial interesse para nós, na medida em que retoma a questão da simbólica dos espaços. Relacionando o «mundo político» com o «mundo natural», Vieira põe em cena o discurso da física e o discurso da geometria, aliados na valorização religiosa do CENTRO em detrimento das periferias (ESQUERDA-DIREITA _____ embora entre

estes dois lados se valorize mais o segundo): ver pág.266-273 do vol.V.

27 - Ver parte final deste ponto I.

28 - É uma questão a ter em conta aquando da reformulação deste trabalho.

29 - Em termos de período litúrgico e de lógica sequencial.

30 - Processo de projecção metafórica bastante praticado por Vieira.

31 - Referência histórica da morte de Cristo?

32 - Ver associação entre «lenha» e «lenho».

33 - Roguet, A.M., *Iniciação no Evangelho*, col. «Problemas de Hoje/4», Ed. Perpétuo Socorro, Difusora Bíblica, Lisboa (trad. do francês por B.P. Henriques).

COMO COLABORAR COM

LER
educação

LER EDUCAÇÃO está aberta a todos os que nela queiram participar, bastando para o efeito enviarem-nos artigos, críticas ou opiniões relacionadas com educação ou sobre temas que de alguma forma ajudem a divulgar a cultura do Baixo Alentejo.

Os originais deverão ser dactilografados em folhas A4, a dois espaços, e sempre que contenham gravuras, esquemas ou outros elementos gráficos, estes deverão ser de boa qualidade, e acompanhados das respectivas legendas e indicações referentes à sua inserção no texto.

A direcção desta revista reserva-se o direito de selecção dos artigos a publicar.

Toda a correspondência deverá ser enviada à direcção da revista LER EDUCAÇÃO.

TOYOTA HILUX



UMA EQUIPA VITORIOSA EM TODOS OS TERRENOS

A HILUX tem um estilo muito próprio. Dotada de grande potência e conforto, é versátil, durável e fácil de manobrar em qualquer tipo de trabalho. É, ainda, uma excelente companhia de fim-de-semana.



A TOYOTA apresenta agora os modelos HILUX 4x2 e 4x4 em 6 versões disponíveis para maior facilidade de escolha: CABINA SIMPLES, CABINA EXTRA E CABINA DUPLA. Não há dúvida. HILUX é, cada vez mais, uma equipa vitoriosa em todos os terrenos.



 **TOYOTA**

JOSÉ CÂNDIDO CHÍCHARO & FILHO, LDA.

ESCRITÓRIO: Rua D. Afonso III Telex. 22090/99 e 24789